086.9
O14h
19—
v. 2

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

histórias curiosas

2.º volume

EDITÔRA SANTOS DE OLIVEIRA
SÃO PAULO — BRASIL

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
BOOKSTACKS

REMOTE STORAGE

BOOKSTACKS OFFICE

The person charging this material is responsible for its return to the library from which it was withdrawn on or before the **Latest Date** stamped below.

Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.

To renew call Telephone Center, 333-8400

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY AT URBANA-CHAMPAIGN

MAR 23 1982

L161—O-1096

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

HISTÓRIAS CURIOSAS

VOLUME II

(2.ª EDIÇÃO)

★

EDITÔRA SANTOS DE OLIVEIRA
Av. Ipiranga, 1100 — 14.º andar — Tel. 34-1736
São Paulo — Brasil

Ilustrações de Temístocles dos Santos Jor.

Capa de Osvaldo de Miranda

086.9
Ol4h
19--
V.2

REMOTE STORAGE

BOOKSTACKS OFFICE

Em memória de minha querida e santa mãe

ANA SANTOS MACEDO

exemplo dignificante para minha vida.

DO MESMO AUTOR:

DIAS FELIZES — 1.º livro
DIAS FELIZES — 2.º livro
DIAS FELIZES — 3.º livro
DIAS FELIZES — 4.º livro

A TEMPESTADE E A VIDA — autobiografia

DESTINOS — romance

À BUSCA DO IDEAL — Psicologia aplicada

SOB O CÉU DO BRASIL — contos

HISTÓRIAS CURIOSAS — 1.º volume
HISTÓRIAS CURIOSAS — 2.º volume
HISTÓRIAS CURIOSAS — 3.º volume

Em colaboração com outros autores:

CURSO DE LITERATURA INFANTIL

ÍNDICE

Ruy Barbosa 13
Ruy Barbosa 23
Ruy Barbosa 33
Pasteur 45
Pasteur 54
Macacos, girafas, rinocerontes e hipopótamos 63
A baleia — A história de Jonas 70
Espécies de mamíferos e aves 76
Fatos da Escravidão 81
Répteis e anfíbios 90
Vital Brasil 100
Mãe 108
Santos Dumont 115
A linguagem 128
São Paulo 136
E o vento não levou 144

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of Illinois Urbana-Champaign

https://archive.org/details/historiascuriosa02oliv

PREFÁCIO DA 2.ª EDIÇÃO

HISTÓRIAS CURIOSAS *destinam-se a tôdas as idades. A forma dialogada como a conduzimos mereceu da parte de inúmeros leitores as melhores demonstrações de aprêço.*

Eminente advogado e jornalista paulistano afirmou-nos:

"Nunca aprendi tanto, em tão pouco tempo, de maneira tão agradável".

Agradecendo a quantos nos confortaram de tantas e tão variadas formas entregamos ao público a 2.ª edição, em três volumes, acrescida de outras histórias contendo o mesmo espírito e valor das primeiras.

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

RUY BARBOSA

NETINHO — Vovô, é verdade que Ruy Barbosa não apreciava muita coisa de Floriano Peixoto?

VOVÔ — Quem lhe disse isto?

NETINHO — Foi o professor quem ensinou hoje na classe.

VOVÔ — O professor está explicando muito.

NETINHO — Mas por que Ruy Barbosa não apreciava muita coisa de Floriano?

VOVÔ — Ruy opunha-se a Floriano por não concordar com métodos políticos por êle empregados.

NETINHO — Quais?

VOVÔ — Como exemplo os seguintes: Quando das eleições para o primeiro presidente da República Brasileira houve dois candidatos: o Marechal Deodoro da Fonseca e o Dr. Prudente de Moraes. Para Vice-Presidente um só candidato: o Marechal Floriano Peixoto. Venceu a chapa encabeçada pelo Marechal Deodoro da Fonseca de maneira que foram eleitos respectivamente Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto presidente e vice-presidente do Brasil. Não demorou muito e rebentou uma revolução chefiada por Custódio de Melo o que motivou Deodoro da Fonseca passar o govêrno a Floriano Peixoto. Mas sabe que Custódio de Melo não foi de fato o chefe da revolta?

NETINHO — Quem foi, vovô?

VOVÔ — O chefe oculto era Floriano Peixoto.

NETINHO — Mas isto era uma deslealdade, vovô!

VOVÔ — Concordo inteiramente com vôce, Carlinhos, e razão tinha destarte Ruy Barbosa de se aborrecer com Floriano.

NETINHO — Que coisa, vovô!

VOVÔ — Na verdade Deodoro merecia isso por que de sua parte também não havia sido fiel para com o Imperador D. Pedro II na queda da monarquia.

NETINHO — Eu fico tão triste dos homens procederem assim!

VOVÔ — E eu tão alegre do meu netinho ter e cultivar êstes sentimentos. Que Deus conserve esta formação de caráter.

NETINHO — O vovô me ajuda, não vovô!?

VOVÔ — Realmente meu netinho, e o papai e a mamãe também.

NETINHO — Floriano Peixoto terminou bem o govêrno?

VOVÔ — Quando se preparavam as eleições para o segundo presidente da República, novamente disputada por Prudente de Moraes, era intenção de Floriano dar um golpe militar. Não podendo conseguir o seu desideratum ficou com tanta raiva que viajou deixando a outro a tarefa de passar o govêrno a Prudente de Moraes. E nunca mais quais falar com Prudente de Moraes. E não sei porque tanto apêgo ao mando porque um câncer corroia-o, vitimando-o pouco mais de um ano depois.

NETINHO — Morreu então?

VOVÔ — Morreu.

NETINHO — Que pena! Eu gostaria que êle se arrependesse antes.

VOVÔ — Você está certo, Carlinhos.

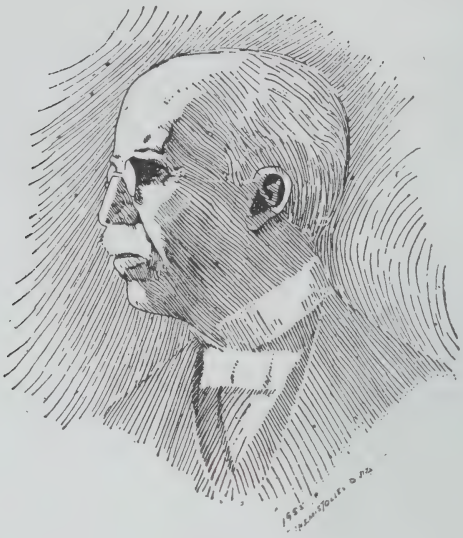
NETINHO — Mas vovô, você gosta muito mesmo de Ruy Barbosa?

VOVÔ — Honro a sua memória. E quer ver por que? Ouça o credo de Ruy: "Creio na liberdade onipotente criadora das nações robustas; creio na lei, emanação dela, o seu órgão capital, a primeira das suas necessidades; creio que, neste regime, não há poderes soberanos, e soberano é só o direito, interpretado pelos tribunais; creio que a própria soberania popular precisa de limites, e que êsses limites vem a ser as suas constituições, por ela mesma criadas, nas suas horas de inspiração jurídica, em garantia contra os impulsos da paixão desordenada; creio que a república decai, porque se deixou estragar, confiando-se ao regime da fôrça; creio que a federação perecerá se continuar a não saber acatar e elevar a justiça; porque a justiça nasce da confiança, da confiança a tranqüilidade, da tranqüilidade o trabalho, do trabalho a produção, da produção o crédito, do crédito a opulência, da opulência a respeitabilidade, a duração, o vigor; creio no govêrno do povo pelo povo; creio, porém, que o govêrno do povo pelo povo tem as bases de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberalidades do Tesouro constituirão sempre o mais reprodutivo emprêgo da riqueza pública; creio na tribuna sem fúrias e na imprensa sem restrições, porque creio no poder da razão e da verdade; creio na moderação e na tolerância, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, na impotência fatal dos incompetentes e no valor insuperável das capacidades".

NETINHO — Que bonito, vovô! Como eu achei lindo tudo isto que Ruy Barbosa disse.

VOVÔ — Tenho até vontade de comentar êste credo a fim de salientar as belezas que encerra mas o meu netinho prefere que eu lhe conte a história, não é?

NETINHO — É mesmo.



VOVÔ — E tem razão meu neto, pois a estupenda influência de Ruy estendeu-se através de cinqüenta anos da história de nossa querida pátria em excelente atuação exercida no tererno da evolução moral, cultural e política. Acresce ainda ter sofrido êle a iniqüidade do julgamento de muitos dos seus contemporâneos e ainda hoje se repetem vãs palavras contra a sua reputação. Estudá-lo, é desta forma, trazer aos nossos concidadãos a realidade sôbre êste Gigante do Brasil.

NETINHO — Eu gosto tanto de ouvir o vovô! De que família é Ruy Barbosa, vovô?

VOVÔ — Ruy é de linhagem portuguesa. Entre os ramos da família Barbosa, um veio parar na Bahia, e neste

encontramos a figura do Sargento Mor de Ordenanças, Antônio Barbosa de Oliveira, bisavô paterno de Ruy. Seu avô paterno chamava-se Rodrigo, um dos dez filhos de Antônio Barbosa. Rodrigo, morre ainda moço, deixando oito filhos órfãos, sendo o mais velho dêles, João José Barbosa de Oliveira, o pai de Ruy Barbosa. João Barbosa quis muito estudar direito em Recife ou em Coimbra, mas a falta de recursos fê-lo seguir o curso de medicina mesmo na Bahia onde morava. Abandonou mais tarde esta carreira pois nunca apreciou-a. Temperamento ardente envolveu-se na revolta "Sabinada" com o que chegou a ser preso e processado após a entrada na Bahia das tropas fiéis à Côrte. Foi eleito deputado provincial, dedicou-se por algum tempo à imprensa havendo dirigido o jornal "O Século".

NETINHO — Então o pai de Ruy Barbosa também foi deputado e jornalista?

VOVÔ — Sim; e Ruy demonstrou por palavras e atitudes quanto devia a seus pais na formação da personalidade.

NETINHO — Como se chamava a mãe de Ruy Barbosa?

VOVÔ — Maria Adélia Barbosa de Oliveira.

NETINHO — Ruy Barbosa era baiano, mas em que cidade nasceu, vovô?

VOVÔ — Nasceu mesmo na Capital da Bahia a cidade de Salvador.

NETINHO — Em que dia?

VOVÔ — Em 5 de novembro de 1849.

NETINHO — Você disse vovô que êle honrava a seus pais?

VOVÔ — Exatamente, meu netinho ,e nisto estava mais uma faceta do valor de Ruy Barbosa. Quando os pais são bons e os filhos são maus, julgam que nada de-

vem aos pais. Mas quando são bons, percebem do muito que receberam de seus progenitores.

NETINHO — Estou gostando de Ruy Barbosa, vovô.

VOVÔ — Quer ouvir alguma coisa que Ruy Barbosa disse sôbre os seus pais?

NETINHO — Quero, vovô.

VOVÔ — Ouça. Assim se exprimiu êle: "O que sou, menos o coração, em que minha mãe entrou grandemente, de meu pai nasce quase exclusivamente, como a água que corre da água que já correu. Esta palavra, de que uso, em mim, diminuida, era a dêle, o maior orador que jamais conheci. Esta cabeça que eu tenho não é mais que uma apagada sombra da sua. Esta paixão da liberdade, do direito, da justiça, herdou uma êle, a mais justa das almas, o mais irredutível liberal que eu nunca vi, liberal à inglêsa e à americana. O amor da pátria, a intransigência da honra, a firmeza da vontade, o culto dos princípios, o desprezo dos perigos, o fundo religioso dos sentimentos e das idéias, isso tudo é seu. De modo que, a cada passo de minha vida, o que eu sinto dentro do mais íntimo de mim mesmo, é meu pai. Êle não morreu: em mim vive e reviverá enquanto alguma coisa de mim restar".

NETINHO — Maravilhoso, vovô! Você tem muita razão em tudo que se tem referido a Ruy Barbosa. Onde estudou êle, vovô?

VOVÔ — Aos cinco anos de idade, sob a orientação do professor Antônio Gentil Ibirapitanga aprende a ler e a conjugar verbos em quinze dias. O professor ficou de tal maneira entusiasmado que inseriu uma nota no jornal contando ser Ruy o aluno mais inteligente que êle jamais teve. Fêz o curso secundário no "Ginásio Baiano", onde foi aluno do célebre edu-

cador Ernesto Carneiro Ribeiro e onde teve como colega o exímio poeta brasileiro Castro Alves. No "Ginásio Baiano" impressionou a todos, já com os seus discursos em meio dos torneios literários que ali se realizavam, já pela sua modéstia, aplicação aos estudos e dotes de coração. Não se admira que ali recebesse medalha de ouro como prêmio aos seus esforços e que fôsse o orador da turma.

NETINHO — E depois, vovô?

VOVÔ — Seguiu para Pernambuco matriculando-se na Faculdade de Direito de Recife de onde se transferiu para a Faculdade de Direito de São Paulo.

NETINHO — É verdade que foram seus colegas na Faculdade de Direito de São Paulo, Rodrigues Alves e Afonso Pena?

VOVÔ — Se foram colegas de classe, não sei bem, mas foram seus contemporâneos, do mesmo modo que outros vultos de nossa querida pátria, tais como Rio Branco, Joaquim Nabuco, Martim Cabral e ainda Castro Alves, que já havia sido seu colega no "Ginásio Baiano" e transferido também da Faculdade de Recife. Governava na época a Província de São Paulo, um espírito bastante liberal, Saldanha Marinho, e a mocidade vibrava em torno de José Bonifácio, figuras que proporcionavam a Ruy o ambiente de que precisava para o início de sua vida pública. Dedicou-se ardorosamente à impresa nas colunas do "Ipiranga", "A Independência", "Imprensa Acadêmica" e no "Radical Paulistano", do qual foi um dos fundadores ao lado de Luís Gama e Américo de Campos. Fêz o seu primeiro discurso político a 13 de agôsto de 1868, quando a mocidade homenageava a José Bonifácio e refulge em magníficas campanhas cívicas, notadamente na campanha abolicio-

nista, vendo triunfar o primeiro projeto sôbre a libertação do ventre das escravas, projeto de sua autoria.

NETINHO — Quanta coisa bonita, vovô! E êle dedicou-se mais à imprensa e à campanha cívica?

VOVÔ — A atividade de Ruy foi múltipla. Apóstolo da liberdade e do direito, tornou-se paladino de inúmeras causas. De muito lhe valeram a imprensa e a tribuna. E exerceu o seu trabalho em doce mar de rosas. Quando voltou à Bahia, formado em direito, adoeceu, permanecendo inutilizado por muito tempo e não mais tendo a seu lado sua santa mãe, para dêle cuidar, a excelente alma, D.ª Maria Adélia, que êle perdera nas vésperas de sua transferência para São Paulo. E desta enfermidade, numa carta a um primo, assim se referiu: "Calcule por aqui a aflição com que me acabrunha esta insuportável inércia. Imagine o sofrimento em que vivo, com a idade que tenho, com o brio que Deus me deu e com a sêde de trabalho que de dia para dia sinto crescer dentro de mim".

Já estava curado e já se encontrava em atividade e contava 25 anos e 23 dias de idade, quando a morte do pai aumenta-lhe a mágoa. Do seu querido pai a quem muito amava, de dinheiro nada herda, senão dívidas e compromissos.

As contínuas lutas e obstáculos são amenizados pelo seu casamento com D.ª Maria Augusta Viana Bandeira, dedicada companheira para tôda a vida. Dela disse Ruy: "A mais carinhosa das espôsas, a mais tenaz e digna companheira nos momentos difíceis".

NETINHO — Que bom que êle teve uma boa espôsa, não vovô?

VOVÔ — Uma boa espôsa é tudo na vida de um homem!

NETINHO — O vovô disse que Ruy foi paladino de inumeras coisas. Conte-me algo da sua vida neste sentido.

VOVÔ — O próprio Ruy disse que um invencível horror à violência, uma sêde insaciável de justiça constituia o fundo de sua índole que modelava irresistìvelmente a sua vida inteira. Lembra ter-se simpatizado sempre com os fracos, ter respeitado sempre os vencidos e patrocinado sempre os opressos. Falou êle: "Minha estréia na tribuna popular, ainda estudante, foi a defesa de um escravo contra um senhor. Minha estréia na tribuna forense foi a desafronta da honra de uma inocente filha do povo contra a lascívia opulenta de um mandão. Minha estréia na tribuna parlamentar foi o patrocínio da eleição de um conservador contra o partido liberal em que eu militava".

NETINHO — De fato foi um homem extraordinário, vovô. E Ruy foi muito político, como dizem, vovô?

VOVÔ — Militou na política desde cedo em sua vida sendo eleito deputado quando ainda tinha 28 anos e aos 29 é eleito deputado geral.

NETINHO — Deputado Geral? Que é isto, vovô?

VOVÔ — É o mesmo que deputado federal em nossos dias.

NETINHO — Como deputado, deixou a imprensa?

VOVÔ — Sempre amou a imprensa. Você conhece o "Diário de Notícias", o apreciado matutino publicado no Rio de Janeiro?

NETINHO — Como não vovô, pois titio sempre o compra!

VOVÔ — Pois o "Diário de Notícias" foi fundado pelo nosso Ruy Barbosa em 1889, o ano da proclamação da República.

NETINHO — Eu vou dar esta nova ao titio, vovô. Ruy era monarquista ou Republicano, vovô?

VOVÔ — Vamos deixar para amanhã, Carlinhos. Amanhã eu continuarei a narrar-lhe a história de Ruy.

NETINHO — Não vovô! Conte mais hoje !

VOVÔ — É hora de dormir, meu netinho.

NETINHO — Que pena, vovô.

RUY BARBOSA

(Continuação)

NETINHO — Hoje, vovô, você vai continuar a história de Ruy Barbosa, não é?

VOVÔ — Mas já é tarde, Carlinhos, e você precisa dormir cedo.

NETINHO — Ah! vovô, mas foi você quem veio tarde. Eu bem que estava esperando o vovôzinho.

VOVÔ — Está bem, meu netinho, vamos à história. Que devo dizer?

NETINHO — Já se esqueceu, vovô? Você me prometeu dizer se Ruy era republicano ou monarquista.

VOVÔ — Com Ruy deu-se um fato interessante. Era monarquista mas foi o homem que fêz a República.

NETINHO — Não entendo, vovô.

VOVÔ — Eu lhe explico. Ruy atirou-se em defesa da Federação. Nabuco, na Câmara batia-se neste sentido, mas não viu os seus esforços coroados de êxito. Ruy defendia a tese pelo "Diário de Notícias". Havia contudo uma diferença de fórmula entre Ruy e Nabuco. Êste queria a federação com a monarquia, enquanto Ruy reclamava a federação, com ou sem monarquia. Tinha por lema: Federação ou revolução.

NETINHO — Neste caso, vovô, não interessava a êle monarquia ou república. Se êle queria federação a qual-

quer custo!? Seria neste caso realmente monarquista?

VOVÔ — Êle mesmo o disse: Sinceramente monarquista era eu em 1889. Não por admitir preexcelências formais dêsse ou outro sistema do govêrno; mas, porque a monarquia parlamentar, lealmente observada, encerra em si tôdas as virtudes preconizadas, sem o grande mal da República, o seu mal inevitável. O mal grandíssimo e inevitável das instituições republicanas consiste em deixar à ilimitada concorrência das ambições menos dignas o primeiro lugar do Estado e, desta sorte, o condenar a ser ocupado, em regra, pela mediocridade".

NETINHO — Mas de que modo êle é que fêz a República?

VOVÔ — O próprio Joaquim Nabuco declarou que Ruy representava o papel de Evaristo.

NETINHO — Como assim?

VOVÔ — É que, Evaristo, pela "Aurora Fluminense", batendo-se pela restauração da nossa independência, derrubou a majestade de D. Pedro I, sem o imaginar, e Ruy, lutando pela federação, fêz cair o trôno de D. Pedro II sem o ter desejado.

NETINHO — Não compreendi bem, ainda, vovô.

VOVÔ — Tentarei esclarecer. Os partidos políticos do regime monarquista teimavam em não concordar com a federação, e se às vêzes anuniam era só pró forma sem concretizar a idéia, ou melhor, contemporizavam, acreditando cansar a Ruy. E o mestre foi-se exasperando a ponto de dizer que se a monarquia não concordasse com as reformas necessárias por êle pregadas, o partido liberal transformar-se-ia em partido republicano. E o seu último artigo em 9 de novembro de 1889 — "Plano contra a Pátria",

decidiu dos destinos do Império. Não pregava a República; e depois de proclamada, Ruy afirmou que "certas reformas necessárias, ingentes, improrrogáveis, te-la-iam evitado".

NETINHO — Agora entendi perfeitamente, vovô. De fato, Ruy sem ter sido republicano, fêz a República. E que coisa extraordinária, hem! vovô! Os artigos dêle conseguiram tanto.

VOVÔ — Pela palavra e pela imprensa, inflamava Ruy todos os espíritos. Os seus artigos sôbre federação e assuntos correlatos eram lidos e comentados por todos no Rio de Janeiro e alcançavam os pontos mais longínquos do Brasil. Foi assim que após o "Plano contra a Patria", e por causa dêle, reuniram-se no Clube Militar, Benjamin Constant e outros e depois na residência do Marechal Deodoro com Quintino Bocaiuva e outros ,aos quais se juntaram Ruy e Aristides Lobo, que foram pelos primeiros procurados. É assim que, na madrugada de 15 de Novembro de 1889, com o Marechal Deodoro da Fonsaca à frente das tropas, foi proclamada a República.

NETINHO — Tudo por causa do espírito de Ruy. Que colosso, êsse Ruy, hem vovô!

VOVÔ — Realmente, espírito dinâmico e hábil, liberal e patriota, inteligente e culto, sincero e idealista, esclarecido e esforçado, colocou a sua pena e a sua palavra e o seu coração ao lado das grandes causas. Bem sabe você, Carlinhos, que, no ano anterior, em 13 de Maio de 1888, viu Ruy realizado um dos seus grandes sonhos, pelo qual se portara como herói, a emancipação dos escravos.

NETINO — E durante a republica foi grande a sua atuação?

VOVÔ — Bastante destacada, desde o início da República e até o fim da sua vida. Exerceu, no govêrno de Deodoro da Fonseca, o cargo de Ministro da Fazenda, sendo nomeado também vice-chefe do Estado e por um pouco passou-lhe Deodoro as rédeas da direção, fato êste desconhecido pela maioria dos nossos patrícios. Também foi Ministro da Justiça, interinamente.

NETINHO — O Conselheiro Ruy Barbosa era mesmo extraordinário, vovô!

VOVÔ — Bravo, Carlinhos, você disse Conselheiro Ruy Barbosa e eu não lhe havia dito isto.

NETINHO — Engraçado vovô, eu usei esta expressão sem sentir, porque a ouvi naturalmente, mas não sei porque chamam Ruy Barbosa de Conselheiro Ruy Barbosa.

VOVÔ — Esta designação vem desde o Império. Quer como deputado provincial, quer como deputado geral, neste último caso já no segundo exercício, pela tribuna parlamentar e pelos magníficos trabalhos escritos, são tais e tantos os serviços prestados ao ensino que o Imperador em prova de reconhecimento, concede-lhe o título de Conselheiro.

NETINHO — Bravo, vovô. Este Ruy era extraordinário mesmo.

VOVÔ — Cuidar da cultura dos nossos compatriotas é muita coisa, pois grandes benefícios traz à nação quem consegue cérebros esclarecidos, mas melhor ainda quem se interessa pelo arejamento dos espíritos, e, completa-se, o vulto que junta a estas qualidades a do coração.

NETINHO — E Ruy não tinha bom coração?

VOVÔ — No seu bom coração formavam-se tôdas as suas excelentes virtudes.

NETINHO — Gostaria, de ouvir, vovô, alguma coisa sôbre isto.

VOVÔ — Quando ainda no govêrno provisório, deu-se o seguinte episódio, narrado pelo próprio Ruy:

"Certa manhã, nos primeiros dias da República, recebeu-me o Marechal Deodoro, ainda em sua modesta vivenda, no Campo de Santana, contando-me a sedição militar que rebentara em Santa Catarina. "Dei imediatamente ordem para serem executados os oficiais", concluiu êle. Retraí-me tocado por uma impressão glacial. Ainda não existia entre nós a facilidade de matar. Era-nos realmente sagrada a vida humana. Êsse primeiro passo no sangue ao abrir da República afigurou-se-me de mau agouro, conquanto a situação fôsse em extremo grave e a primeira faúla pudesse comunicar às coisas uma conflagração geral. Vencendo o meu embaraço, do Tesouro, para onde segui, escrevi-lhe, logo após, algumas palavras comovidas, encarecendo-lhe os efeitos incomparáveis da misericórdia nas ocasiões supremas. Ao volver sobretudo, a êle, fui acolhido com a amabilidade destas frases: "Cumpriram-se as suas ordens. Telegrafei, contramandando a execução dos oficiais." Não sei, não quis saber de quem foram as vidas salvas, por esta minha intercessão, do fuzil iminente. De amigos? de inimigos? Ignoro. Perante mim todos têm o mesmo direito a não morrer, senão por ato divino. Mas, de cada vez que por sôbre a cabeça me passa a violência, rugindo ameaças sinistras, tenho a consolação de olhar para o fundo da minha consciência e ouvir elevar-se dela esta prece em duas palavras: Senhor! eu não matei".

NETINHO — Admirável, vovô! O nome de Ruy Barbosa merece tôda a nossa simpatia, tôda a nossa estima!

Mas, por que vovô, êle disse: Senhor! Eu não matei!

VOVÔ — Ruy tinha a verdadeira noção de sua responsabilidade. Se êle houvesse calado tornar-se-ia coparticipante do crime. Êle podia interceder e sabia que podia. O apóstolo São Tiago foi muito claro. Na Palavra Divina, no capítulo 4, versículo 17 da sua espístola Tiago diz o seguinte: "Aquele pois que sabe fazer o bem e o não faz, comete pecado".

NETINHO — Ruy devia ser estimado por todos, não vovô?

VOVÔ — Infelizmente não, meu netinho. Por maior que seja o homem, sempre encontra oposição. Não faltam os detratores. O despeito e a inveja sempre existiram em tôdas as épocas; e reinam de mãos dadas com a vilania e a perversidade. O menos a que conduzem é a iniquidade dos julgamentos. Tanto assim que, como Ministro da Fazenda, o plano financeiro de Ruy sofreu forte oposição. Mas a oposição não ficou só no terreno administrativo. O despeito e a inveja levam o espírito torpe à calúnia. E esta, atirada contra Ruy, assumiu enorme proporções, alcançando até os nossos dias. O nome e o trabalho de Ruy, no entanto, sobrepujaram os seus inimigos, e o seu nome ficou através dos tempos, contraposto e elevado acima das vis paixões.

NETINHO — E não houve quem o defendesse, vovô?

VOVÔ — Por certo, meu netinho. Até alguns dos seus mais acirrados adversários, quando orientados pelo bom senso, reconheceram-lhe o valor. Ouça o que do plano financeiro de Ruy, disse Felisberto Freire, um dos maiores dos seus opositores: "O programa financeiro de Ruy Barbosa se tivesse sido executado pelos seus sucessores já estaríamos no regime metálico. O

regime metálico não se faz de um dia para o outro. Um país que almeja regime metálico, que almeja êsse ideal, que quer com sinceridade tê-lo, não consentiria que se revogasse o pagamento do impôsto de importação em ouro como foi decretado pelo Govêrno Provisório. Como vê, meu netinho, pela razão citada por Felisberto Freire, a extinção do impôsto em ouro, e outros mais, como as emissões sem lastro, destruiram o plano financeiro de Ruy Barbosa que era magnífico. E ainda a sua capacidade financeira torna-se mais apreciada ao nos lembrarmos que o Ministério da Fazenda não era a sua única tarefa. Atividades múltiplas recaíam sôbre os seus ombros. Era o cérebro máximo para a elaboração de leis. A queda do trono deixara perplexos os espíritos. Ruia uma instituição de sessenta e sete anos. E você bem sabe o que é um desmoronamento de um edifício. Deodoro era um grande soldado mas faltavam-lhe maiores luzes para um grande estadista. Ruy era quem vinha completar o que lhe faltava.

NETINHO — É verdade vovô, que foi Ruy quem elaborou o projeto da Constituição?

VOVÔ — É verdade sim, Carlinhos, a primeira Constituição da República, de 24 de fevereiro de 1891.

NETINHO — É também verdade que êle copiou-a dos Estados Unidos da América do Norte?

VOVÔ — Êle não copiou a Constituição norte-americana. Tomou-a como modêlo, bebeu seu princípios de ordem, de liberdade e de lei. Êle mesmo declarou que a Constituição Brasileira procedia das constituições americanas, "cuja estirpe reside nos longos imemoriais da liberdade inglesa. E, nessas constituições, a soberania popular tem o seu corretivo nas declara-

ções de direito e na supremacia da lei obtida mediante uma organização da justiça que os republicanos europeus não conheciam".

Houve momentos na consolidação jurídica da República em que tudo se deve a Ruy. O Sr. Dunshee de Abranches, assim se expressou: "Deve-se dizer com justiça que, na primeira semana após a proclamação da República, um único cérebro pensou e agiu: Ruy Barbosa".

Procedeu, pois, muito bem, o Marechal Deodoro da Fonseca, quando ainda no Govêrno Provisório concedeu-lhe o título de general de brigada.

NETINHO — Então vovô, além de Conselheiro recebeu êle também o título de general de brigada?

VOVÔ — Também, meu netinho. E muito merecidamente. Como esteio do ensino: Conselheiro; como esteio jurídico da República: general de brigada.

Com Floriano não foi Ruy tão feliz.

NETINHO — Não, vovô?

VOVÔ — Não. Havendo renunciado o Marechal Deodoro ao govêrno, Floriano, como Vice-Presidente, assume naturalmente o poder. Mas, de acôrdo com a Constituição de 24 de fevereiro teria que mandar proceder novas eleições. Não o fêz, permanecendo até o fim do quatriênio. Ruy, na Assembléia Constituinte havia sido eleito senador pelo seu Estado. Diante da atitude de Floriano, Ruy, apóstolo do direito, insurge-se contra o seu ato, considerado ilegal, ao mesmo tempo que renuncia ao seu mandato de Senador. Treze generais fazem côro e intimam a Floriano processar novas eleições. Floriano, em vez de acceder, cessa-lhes as patentes desterrando-os para as regiões do Norte, abrangendo com a medida muitos outros militares e civis. Entre os militares havia

coroneis, capitães, tenentes, alferes. Entre os civis encontravam-se vultos como Egas Moniz, José do Patrocínio e Olavo Bilac. Onze eram membros do Congresso.

Em benefício dêles Ruy requer ao Supremo Tribunal Federal uma ordem de "Habeas-Corpus". Nove ministros votaram contra. Só um, Piza e Almeida, votou a favor.

Sôbre o voto do ministro Piza e Almeida, Ruy assim se referiu: "Tôda grandeza desta causa que há de associar-se na história do meu país como uma altura coroada de luz, quando as misérias de hoje tiverem passado, no movimento que leva para o olvido os restos erráticos das paixões dos homens e dos infortúnios dos povos, figurou-se-me humanada naquele homem modesto, silencioso, em cuja fisionomia suave e triste como as lendas crentes querem que fôsse a do Salvador ,a expressão da timidez e da doçura dir-se-ia um disfarce divino da justiça, da inquebrantabilidade, da coragem moral. E eu disse comigo: nesta crise de pigmeus ainda temos gigantes. Vendo perder-se tudo pela distensão de todos os males morais dentro e fora da política eu refleti entre mim: seis homens desta têmpera comporiam o alicerce da República e salvariam a pátria. Passou-me pela consciência como que uma dessas intuições supremas da fé, uma dessas encarnações visíveis da palavra bíblica e cheguei a compreender como os merecimentos de um homem pudessem resgatar as culpas de uma nação".

NETINHO — Que palavras maravilhosas as de Ruy, vovô! Como êle apreciou a atitude daquele que sòzinho deu o voto a favor do "Habeas-Corpus".

VOVÔ — De fato, isolado no seu gesto de nobreza, teve a seu lado, nas expressões de Ruy, todo o merecimento de uma nação.

NETINHO — E depois, vovô?

VOVÔ — Já é hora de dormir, meu netinho.

NETINHO — Não, vovô, hoje conte mais.

VOVÔ — Não, Carlinhos, amanhã continuaremos. É tarde.

NETINHO — Que pena, vovô!

RUY BARBOSA

(Continuação)

NETINHO — Alô, vovô! Eu o estava esperando ansioso.

VOVÔ — Bravo, ansioso mesmo?

NETINHO — Muito, vovô, pois mamãe queria que eu dormisse mais cedo.

VOVÔ — Que vamos contar hoje?

NETINHO — Pois não sabe, vovô? Vai continuar a história de Ruy Barbosa.

VOVÔ — Onde tinhamos ficado?

NETINHO — O vovô falava que o voto isolado do ministro Piza e Almeida, teve, nas expressões de Ruy, todo o merecimento de uma nação.

VOVÔ — E você não se esqueceu do nome do ministro.

NETINHO — Não, vovô. Que trabalho notável o de Ruy!

VOVÔ — A estupenda atuação de Ruy em todos os sentidos em favor do Brasil contribuiu poderosamente para a evolução cultural e política de nossa pátria. Isso porque possuia êle o domínio espiritual de sua vida sempre tendo em vista um grande ideal. Disse êle, de si mesmo, o seguinte: — "Caso, postos de parte os descontos humanos, houvessem de condensar numa síntese o meu curriculum vitae, e, do meu naufrágio, salvassem alguns restos, tudo se teria, talvez resumido com dizer: estremeceu a pátria, viveu no trabalho e não perdeu o ideal".

NETINHO — É verdade que Ruy foi exilado?

VOVÔ — Perseguido e ameaçado êle exilou-se. Foi para Buenos Aires. Ali recebeu a notícia de que Floriano cassara-lhe as honras de general de brigada o que lhe deu motivo para belo e circunstanciado artigo de defesa, dirigido ao povo portenho, terra que o agasalhara. De Buenos Aires passou-se para Londres.

NETINHO — Ah! foi então que êle escreveu as "Cartas da Inglaterra?"

VOVÔ — Precisamente. Através do Jornal do Comércio. A última delas respondendo a um artigo de Afonso Celso, em que êste procurava diminuir o grande exilado. A resposta de Ruy foi vigorosa e indiscutível. Mas como é que você sabe das "Cartas da Inglaterra"?

NETINHO — Eu ouvi você mesmo, vovô, falando com mamãe, outro dia. Mas quando Ruy voltou à pátria, continuou a lutar?

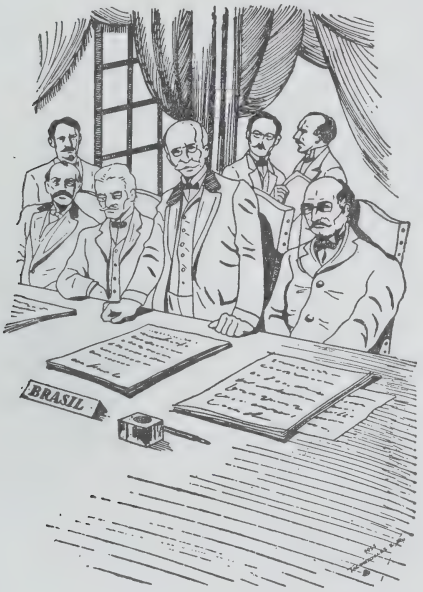
VOVÔ — Ruy nunca deixou de lutar. Terminada a ditadura florianista, com a eleição de Prudente de Morais para presidente da República, regressando Ruy, o povo recebeu-o em delírio, manifestação esta que o entusiasmava e que irritava a seus adversários. Mesmo depois de Floriano morto o florianismo vivia nos últimos extertores de uma política de desordens e violência. Não suportando o eminente jurista, paladino dos desemparados, contra êle se investiam com tôdas as armas.

NETINHO — Que gente malvada, vovô!

VOVÔ — E como no Senado não se acomodava Ruy às situações mesquinhas e constituia-se defensor extremo de tôdas as nobres causas, tudo fizeram para excluí-lo do Senado .

NETINHO — Que bobagem, não vovô; pois se não estivesse no Senado êle possuia a imprensa!

VOVÔ — Bravo, Carlinhos, isso mesmo. E quem poderia com a sua valorosa e destemida pena em favor da justiça! Mas não ficou fora do Senado. À frente do govêrno da Bahia encontrava-se um homem íntegro: Luis Viana. E Ruy triunfou nas urnas, porque além de Luis Viana, pronuncia-se em seu favor quase a totalidade do Estado, contra os maus brasileiros, intransigentes e indignos adversários.



NETINHO — É verdade, vovô, que Ruy combatia o estado de sítio e acabou concordando com êle?

VOVÔ — O que houve foi o seguinte: Ruy combatia o abuso do estado de sítio. Defendeu muitos dos que foram suas vítimas. Mas em 5 de novembro de 1897, verificou-se um atentado contra a vida de Prudente de Morais morrendo nele o ministro da Guerra, ma-

rachal Machado Bittencourt. E como o país se achasse ameaçado de comoção intestina, à solicitação do Govêrno ao Congresso, Ruy é dos primeiros a apoiar a medida que era perfeitamente constitucional. No momento todavia em que êste govêrno, por sua vez, recorreu ao abuso, Ruy pôs-se contra êle na defesa até dos seus próprios antagonistas.

NETINHO — Ruy era decidido na defesa do direito, hem vovô!?

VOVÔ — De fato. Mas a sua maior glória encontra-se na Conferência de Háia.

NETINHO — Já ouvi falar, vovô, mas não sei bem do que se trata. Mas lembro-me que chamam de "Águia de Háia".

VOVÔ — Por certo, Carlinhos. E é um cognome bastante merecido.

NETINHO — Como foi mesmo, vovô que êle recebeu êsse título?

VOVÔ — Ocupava a presidência do Brasil o Dr. Afonso Pena. Foi isso em 1907. Nesse ano convocaram a 2.ª Conferência da Paz, que se reuniu em Háia, na Holanda, com a presença de representantes de 48 nações. O Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos Júnior) então ministro das Relações Exteriores, convidou Ruy Barbosa para chefiar a delegação brasileira. Ruy reluta e só depois de muito pensar é que aceitou a incumbência pois não se julgava à altura da missão, Pois bem. Depois de tanta modéstia Ruy projetou-se internacionalmente. Não havia nenhuma consideração para com o Brasil, desconhecido, sem exército e sem marinha. Encontrou o nosso Herói em Háia um ambiente hostil a êle e à nossa Pátria. A atitude de Ruy provocou no início desdem e irritação.

NETINHO — Que atitude, vovô!

VOVÔ — É que, julgavam os delegados das grandes potências que o Brasil se limitasse a apoiar as suas resoluções.

NETINHO — Vê lá!

VOVÔ — Queriam os Estados poderosos que fôssem contempladas com especiais privilégios as grandes potências. Era o direito da fôrça. Mas Ruy conseguiu inverter a ordem: a fôrça do direito.

NETINHO — Aí batuta !

VOVÔ — Antes de tudo, na conferência de Háia havia um completo desprêzo pela pessoa de Ruy. O desprêzo maior se fazia ainda sentir da parte do arrogante Barão de Marshall, representante da Alemanha, que havia conquistado, em pouco, o completo domínio da conferência.

NETINHO — Ih! vovô, eu estou aflito para saber de tudo.

VOVÔ — Pois bem. Vou resumir, apresentando palavras de três pessoas: o jornalista inglês, William Stead, o escritor Américo Palha e o nosso grande Rodrigo Otávio que fêz parte da delegação.

Ouçamos William Stead: "As duas maiores fôrças pessoais da Conferência, foram o Barão de Marshall, da Alemanhã e o Dr. Barbosa, do Brasil. Atrás do Barão, porém, se erguia todo o poder militar do imperador germânico, ali bem à mão e presente a todos os delegados. Atrás do Dr. Barbosa estava, apenas, uma longínqua república desconhecida, com exército incapaz de qualquer movimento militar e esquadra por existir. Todavia, ao acabar a Conferência, o Dr. Barbosa pesava mais que o Barão Marshal!".

NETINHO — Como eu gostaria de ter conhecido Ruy Barbosa.

VOVÔ — Espere um pouquinho. Ainda não terminei de transmitir o que disse William Stead.

NETINHO — Mais ainda?

VOVÔ — Mais. Ouça bem. "Maior triunfo pessoal na recente conferência nenhum dos seus membros obteve e, tanto mais notável foi, quando o alcançou êle, por si só, sem nenhum auxílio estranho. Aliado não tinha o Dr. Barbosa, tinha muitos rivais, muitos inimigos e, contudo, vingou aquele cimo. Foi imenso triunfo pessoal, que redundou em crédito para o Brasil".

NETINHO — Viva o Brasil!!!

VOVÔ — Viva! Repare agora o que nos transmite o escritor Américo Palha: "O momento excepcional para o triunfo glorioso de Ruy Barbosa, em Háia, ofereceu-o o embaixador Martens, da Rússia, que presidia a sessão de 12 de julho. O delegado brasileiro pronunciara um discurso sôbre prêsas marítimas e, após essa oração, Martens obeserva a Ruy que "a política não é da alçada da Conferência". Foi o fogo no estopim. Ruy levanta-se e faz o seus mais famoso discurso na Conferência. A assistência fica dominada pela palavra do mestre. Êste exalta-se, cresce, sobe, transfigura-se.

NETINHO — Ruy era uma cabeça mesmo, hem vovô?

VOVÔ — E que cabeça!

NETINHO — É verdade. Também tinha uma cabeça grande não é?

VOVÔ — Perfeitamente. Sôbre o incidente provocado por Martens, assim se refere Rodrigo Otávio: "Provocada por circunstâncias de ocasião, essa oração, proferida de improviso, em língua estrangeira para

o orador, numa assembléia em que todos os discursos eram lidos fêz o pasmo da assistência. A impressão causada por êsse improviso oratório foi enorme. Ruy, desde o início dos trabalhos vinha mostrando quem era. A Assembléia, porém, não queria saber disso e não lhe ouvia os discursos. O incidente Martens, que provocou a curiosidade da Assembléia, forçou-a a prestar atenção ao discurso do delegado brasileiro. E Ruy Barbosa, pequeno de estatura, modesto, quase tímido no trato, foi crescendo aos olhos da assistência à proporção que, com o maior desassombro, com a maior segurança de si mesmo, com a mais subida eloqüência, proferia sua magnífica oração, e seguiu, depois do incidente, crescendo de tal modo, que acabou-se impondo à admiração dos seus pares.

NETINHO — Será que a cabeça dele cresceu também mais ainda vovô?

VOVÔ — Você hoje está impressionado com o tamanho da cabeça de Ruy, Carlinhos. Quem sabe você está cansado. Vamos parar por hoje?

NETINHO — Não, vovô. Você mesmo me disse uma vez, que Ruy era uma grande cabeça, dentro de uma cabeça grande. Continue vovôzinho.

VOVÔ — "Ruy terminou o seu discuso. Sentou-se. De Martens, sem comentário algum, mas visìvelmente desapontado, indicou a ordem do dia para o dia seguinte e suspendeu a sessão. Na sala do "bufet", porém, para onde todos se dirigiam, Martens se aproximou de Ruy e teve com êle alguns instantes de conversa que, dado o caráter autoritário do velho jurista russo, foi o coroamento do prestígio de Ruy Barbosa conquistado de golpe nesse memorável dia...

NETINHO — Eu até fico arrepiado vovô. Que conquista maravilhosa a de Ruy.

VOVÔ — Muito grande. Mas continuemos a transcrição das palavras de Rodrigo Otávio: "Mas, é fora de dúvida que o nosso grande patrício, nesse momento histórico, reprsentava o espírito do tempo, e tanto que venceu com o apôio da maioria dos Estados, tanto assim que dessa memorável campanha adveio para o seu nome a glória de uma consagração mundia".

NETINHO — Que maravilha, vovô!

VOVÔ — Tem razão, Carlinhos. O fulgor da inteligência de Ruy, transmitido através da sua brilhante palavra, aliado a uma ação decisiva e imperturbável elevou e tornou conhecida tôda uma nação.

NETINHO — E como o receberam os nossos, vovô?

VOVÔ — O nosso querido povo de nosso querido Brasil, fêz-lhe justiça: Ao passar pela França, de volta à nossa terra, homenageou-lhe a colônia brasileira de Paris, ofertando-lhe um bronze de E. Barrios, "A glória coroando o gênio". Na Bahia recebeu a mais estrepidosa manifestação, e no Rio é carregado pelo povo até ao Palácio do Catete.

NETINHO — E entre os seu pares, da conferência, continuou a sua fama?

VOVÔ — Perfeitamente. Tanto assim que, pouco depois, foi eleito para a Côrte Permanente de Arbitramento de Háia. Gostei da sua expressão, Carlinhos, — entre os seu pares — Você, com o seu gôsto pelos bons conhecimentos vai adquirindo, a pouco e pouco também uma boa linguagem. Nunca saia desta linha, meu neto.

NETINHO — Obrigado vovô. A você devo êsse auxílio. Sem o seu concurso, o seu interêsse, custaria muito

mais a aprender o que já consegui. Mas quero saber de uma coisa, vovô: Ruy nunca foi Presidente da República do Brasil?

VOVÔ — Não, Carlinhos, ainda que por três vêzes tivesse sido candidato. Na primeira o seu opositor foi o Marechal Hermens da Fonseca. Nessa campanha Ruy percorreu São Paulo, Minas e Bahia. O Brasil inteiro vibrou pela causa civilista de Ruy. A sua campanha foi a mais correta e mais digna. Contra êle, no entanto, derramam os seus inimigos as mais vis injúrias, calúnias e mentiras. Nunca se meta em política, Carlinhos, pois enxovalham sem piedade os grandes homens. E infelizmente a infâmia e a calúnia tomam curso contra os homens de boa fé.

Quantas ocasiões há em que na política, por causa da ambição e da vaidade, indivíduos que nós antes reputávamos corretos não se envergonham de macular a reputação alheia, sacrificando o nome, a saúde e a vida do próximo. Homens de grande valor abandonaram meios que julgavam elevados por causa dêsses sêres mesquinhos.

NETINHO — Qual foi o resultado da eleição, vovô?

VOVÔ — Ruy foi o vitorioso, mas a fraude, a corrupção e o suborno triunfaram. Ruy foi espoliado em seus direitos e o Congresso reconheceu o Marechal Hermes da Fonseca.

NETINHO — E ficou por isso mesmo, vovô?

VOVÔ — Ruy contestou, num edificante libelo, mas a corrupção e a mentira venceram.

NETINHO — Fico tão triste, vovô! E depois, vovô?

VOVÔ — Ruy teve que lutar muito no govêrno de Hermes, mas sempre tendo ao lado da bravura o espírito de justiça e lealdade. Terminado o quadriênio do

Marechal, o nome de Ruy foi lembrado por Pinheiro Machado e o próprio Marechal.

NETINHO — Foi, vovô?

VOVÔ — Foi. E aqui eu quero que você repare como assoma e avulta e mais ainda se agiganta o caráter e a personalidade de Ruy.

NETINHO — De que modo, vovô?

VOVÔ — O nome de Ruy seria indicado com uma condição: que Ruy renunciasse a revisão constitucional. Ruy não transigiu. Quando eu me recordo disso, meu netinho, gostaria de que todo o Brasil soubesse que um homem em nossa Pátria, o grande Ruy Barbosa, deixou de ser Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil porque não renunciou os seus princípios.

NETINHO — Que maravilha, vovô!

VOVÔ — Maravilha mesmo, Carlinhos. Graças a Deus, no Brasil há também homens. Há caracteres, há valores. Ruy vale muito mais ainda pela sua nobreza do que por tudo quanto fêz.

NETINHO — Mas você disse, vovô, que Ruy três vêzes foi candidato?

VOVÔ — Realmente. Nessa ocasião o foi pela segunda vez. Apontado Wenceslau Braz, presidente de Minas Gerais, como candidato pelas fôrças oficiais, a candidatura de Ruy foi também levantada. Algum tempo depois, todavia, Ruy e o seu companheiro de chapa, Alfredo Ellis, lançam um manifesto à nação desistindo da campanha eleitoral.

NETINHO — E acha que fizeram bem, vovô?

VOVÔ — Acho. O momento não era oportuno.

NETINHO — E depois, vovô?

VOVÔ — Ruy ainda brilhou muitas vêzes. Numa delas o seu nome foi aureolado pelo mundo inteiro quando

do seu discurso na Faculdade de Direito de Buenos Aires, após terminar o seu trabalho como embaixador na Argentina às comomerações do centenário do Congresso de Tucuman.

NETINHO — Qual foi o assunto de Ruy, nessa conferência, vovô?

VOVÔ — Lembrou Ruy ao mundo, a propósito da guerra mundial, que não podia haver imparcialidade entre o direito e a injustiça.

NETINHO — Todos o aplaudiram, vovô?

VOVÔ — Todos, na Inglaterra, França, Estados Unidos e outros lugares, menos alguns maus brasileiros.

NETINHO — Eu gostaria de ter conhecido Ruy, vovô!!!

VOVÔ — Conhece pelo menos o seu valor e o seu caráter, para tomá-lo como exemplo.

NETINHO — Isso mesmo, vovô.

VOVÔ — Muita coisa ainda poderia falar-lhe sôbre a vida de Ruy, mas ressaltarei duas: a primeira o jubileu cívico. Deveria chamar-se jubileu literário, mas Ruy mesmo julgou mais procedente a denominação de jubileu cívico. Comemorava-se o discurso com que Ruy ainda acadêmico de direito em São Paulo saudava José Bonifácio. O discurso de louvor a Ruy é pronunciado por Coelho Neto um dos maiores talentos literários da época. As festas jubilares iniciadas no dia 13 de agôsto de 1918 duraram três dias. A elas associam-se a Itália, Argentina, Inglaterra, Bélgica e França.

NETINHO — Foi uma coisa grandiosa, vovô!

VOVÔ — Grandiosa de verdade. A nação inteira glorificava o seu nome.

NETINHO — E que mais disse que ia ressaltar, vovô?

VOVÔ — A sua última campanha. Apesar de já velho, com setenta anos, tendo outro elemento de grande

valor e projeção, Epitácio Pessoa, como o escolhido pelas fôrças políticas, Ruy reafirma os seus princípios e atira-se à luta. Epitácio Pessoa é eleito. Mas nas Capitais, com exceção de Manaus e Paraíba, os resultados são favoráveis a Ruy.

NETINHO — Nos lugares onde a civilização era mais adiantada, não é vovô?

VOVÔ — Precisamente. Hoje Ruy não vive mais. Mas vivos continuam os seus princípios de honra e probidade.

Tomemos nêle o exemplo da dignidade, da fé e trabalho e vivificados pela sua memória procuremos servir o nosso país. Agora, meu netinho está na hora de dormir.

NETINHO — Que pena, vovô.

VOVÔ — Boa noite, Carlinhos.

NETINHO — Boa noite, vovô.

PASTEUR

CARLINHOS — Vovô, você ouviu o que a vovó estava lendo hoje sôbre cachorro louco?

VOVÔ — Li também. O menino morreu por descuido do pai, pois por mais longe que estivesse, se houvesse chegado alguns dias antes a vacina anti-rábica tê-lo-ia salvo.

CARLINHOS — Quem descobriu essa vacina, vovô?

VOVÔ — A vacina anti-rábica, contra mordedura de cães loucos, foi descoberta por Louis Pasteur após longos e laboriosos esforços de pacientes pesquisas em laboratórios.

CARLINHOS — Conte-me alguma coisa sôbre Pasteur, vovô.

VOVÔ — Louis Pasteur nasceu no dia 17 de dezembro de 1822, na França, no Departamento do Jura, na cidade de Dôle. Seu pai, João José Pasteur, havendo deixado as fileiras, como sargento, no exército de Napoleão I, ali estabeleceu-se com uma pequena fábrica de cortumes na rua dos cortidores (rue des tanneurs), assim chamada em virtude do ofício da maioria dos seus moradores.

Pasteur passou a sua meninice em Arbois, a 6 quilômetros do riacho Curance, pois que para Arbois transferira-se a família.

Nos primeiros anos de escola não se evidenciou a não ser com referência ao desenho e à pintura.

Aos doze anos executou com perfeição, a pastel, o retrato de sua mãe.

CARLINHOS — A pastel, o que é isso, vovô?

VOVÔ — Pastel é um gênero de desenho executado a lapis de côr. Continuemos. De Arbois passou a estudar em Paris e mais tarde em Besançon onde terminou o curso de letras no dia 29 de agôsto de 1840. Desde cedo tomara a decisão de estudar química. Sôbre isso diziam os aldeães de Arbois ao seu pai: "É uma lástima que esteja perdendo tempo com essa ciência inútil". Mas o seu pai que tinha fé em seu filho, respondia-lhes: Sei que posso confiar em Louis; êle há de fazer o que fôr mais aconselhável". Houve contudo um momento em que João José Pasteur estremeceu na confiança que depositava no filho: foi quando êste recebeu o grau de bacharel em ciências com a nota **medíocre** em quimica. Razão por que Pasteur escreveu ao pai: "Tenha paciência e confie em mim. Hei de conseguir melhor êxito mais adiante". E o jovem que por sua vez tinha uma perseverante paciência em seu trabalho, já havia escrito: "As três palavras mais importantes do dicionário são: **querer, trabalhar e esperar.** Essas as três pedras angulares sôbre as quais hei de construir a pirâmide do meu êxito". E continuou a estudar preparando-se para o doutorado em química. Com o propósito de custear suas próprias despesas ensinava a alunos particulares das cinco às sete da manhã e reduzia a alimentação e diversões, padecendo fome freqüentemente. Neste sentido referiu-se: "mas, por sorte, eu também era sujeito a dores de cabeça de maneira que uma dor neutralizava a outra".

CARLINHOS — Que homem extraordinário !

VOVÔ — Em sua formatura escreveu duas teses de doutorado. Chegada a notícia a Arbois, em meio do maior regosijo, escreveu-lhe o pai: "Não podemos ajuizar os teus ensaios, mas certamente podemos apreciar o teu caráter. Só nos tens dado motivo de satisfação". Investigador constante e infatigável ocupou como professor a cadeira de física no Liceu de Dijon e em seguida a de química, na Universidade de Strasburg, em janeiro de 1849, onde conheceu a

filha do reitor, Marie Laurent, com quem casou. A conquista e o casamento com a sua eleita teve as suas côres bem pitorescas. Inicialmente escreveu ao pai da môça da seguinte forma: — "Meu pai é curtidor em Arbois. Minhas irmãs ajudam-no na direção dos negócios e da casa, tomando o lugar de minha mãe que tivemos a infelicidade de perder em maio

último. Minha família está em boa situação financeira, mas não é rica. Quanto a mim, resolvi há muito tempo renunciar em favor de minhas irmãs a parte da herança que eventualmente me couber. Não tenho fortuna, pois. Tudo o que possuo é saúde, coragem, e o meu pôsto na Universidade... Tenciono consagrar a vida às pesquisas químicas — com algum êxito, espero... Com essas modestas pretensões, peço licença para apresentar a minha proposta de casamento a sua filha".

O pai, equilibrado e experiente entregou a carta à filha para que ela mesma resolvesse. A resposta foi negativa. Aquêle porém, que sabia querer, trabalhar e esperar e sempre demonstrou a maior paciência em suas pesquisas científicas não poderia desaminar-se diante do seu amor por causa da primeira resposta contrária. Assim, escreve à mãe da moça: "Temo que Mlle. Marie ligue demasiada importância às primeiras impressões que só me podem ser desfavoráveis. Não há nada em mim que atraia uma moça. Mas a experiência me diz que as pessoas gostam de mim depois que me conhecem melhor". E, concomitantemente escreve também a sua amada: "Tudo o que lhe peço, Mademoiselle, é que não me julgue precipitadamente. Poderia enganar-se, bem sabe. O tempo há de mostrar-lhe que, sob esta aparência fria e reservada palpita um coração cheio de afeto por Mademoiselle".

E Marie Laurante amou-o também. Mas no último instante do casamento um acontecimento a todos deixa contrafeitos. O padre pronto para realizar a cerimônia, os pais, a noiva e os convidados à espera, mas o noivo não aparecia. Um e outro perguntavam: "onde estará êsse químico?" Seu melhor

amigo, Chappnis, correu ao laboratório e encontrou-o curvado sôbre os tubos de ensaio.

Esqueceu-se do seu casamento?

— Não.

— Então que está fazendo aqui?

— Terminando o meu trabalho, idiota. Você decerto não espera que eu vá deixar uma experiência em meio.

CARLINHOS — Que situação difícil a da noiva, hem vovô?

VOVÔ — Realmente. Mas nunca Marie arrependeu-se de ter com êle casado. E Pasteur, matemático, físico e químico perfeito, resolveu satisfatòriamente o seu problema, pois a espôsa muito o animou e o incentivou nas suas pesquisas.

E a glória sorria a Pasteur. Formado em matemática em 1842, já em 1855, a Academia de Ciências consagra quase que uma sessão inteira aos trabalhos de Pasteur. E ainda a Sociedade de Farmácia dá-lhe um prêmio de 1500 francos. Gastou-os Pasteur em suas investigações. Nomeiam-no em seguida professor e decano da Faculdade de Ciências de Lille, onde infunde em seus discípulos o amor pelas investigações. E o seu próprio amor às investigações fê-lo uma benção para com a humanidade e conduziu-o à glória. Os cientistas da época acreditavam que a vida se originasse espontâneamente da matéria inerte. Era a famosa questão da geração espontânea.

CARLINHOS — Que ignorantes eram êles, vovô. Até eu não aceitaria uma coisa dessas!

VOVÔ — E essa foi a idéia de Aristóteles, Vírgilio, Van Helmont e outros e era a crendice da época. Contra essa superstição tradicional insurgiu-se Pasteur. Os

mestres ridicularizavam-lhe, chamando-o de "saltimbanco, charlatão, e palhaço". Mas Pasteur explicava a sua espôsa que um homem de ciência não deve pensar nos insultos ou elogios do momento, mas no que se dirá dêle nos séculos futuros. E Pasteur venceu: "Sòmente a vida pode gerar vida".

CARLINHOS — O vovô está me fazendo estimar tanto e tanto a memória dêsse grande sábio, vovô. Como eu gostaria de tê-lo conhecido. Pena é não podermos viver em tôdas as épocas em que vivem os que tais somas de benefícios trazem à humanidade.

VOVÔ — Tem razão, Carlinhos.

CARLINHOS — É verdade, vovô, que foi êle quem salvou a cultura dos bichos da sêda?

VOVÔ — Misteriosa enfermidade, em caráter epidêmico, avassalava, em destruição constante, os bichos da sêda, arruinando a sericicultura uma das mais florescentes indústrias francesas.

CARLINHOS — Que é sericicultura, vovô?

VOVÔ — Sericicultura é a cultura dos bichos da sêda. E, a indústria sericícola, os sericicultura, que produzia mais de cem milhões de bichos por ano ameaçava desaparecer. A província de Alais foi a primeira acometida, em 1845. Em pouco mais de quatro anos a enfermidade estendia-se por tôda a França alargando-se até a Espanha, Itália, Áustria e China. A Pasteur, foi dada pelo govêrno a missão de extinguir a praga. Deveria estudar-lhe a origem e determinar o remédio. Iniciara os estudos quando falece em Arbois, o seu queridíssimo pai. Sem ter conseguido vê-lo mais uma vez antes da morte, pôde tão sòmente assistir-lhe o féretro. Em que pesasse a dor que lhe ia na alma continua suas investigações. Como

se não bastasse o passamento do pai a perturbar-lhe a tarefa contra êle novamente investem-se os seus gratuitos inimigos. Catadupas de insultos lhe são dirigidos por cientistas da época, cultivadores de amoreiras e o público. Enquanto isso, sem dar-lhes ouvido, Pasteur continua suas pesquisas no combate à pebrina.

CARLINHOS — Que é pebrina, vovô?

VOVÔ — Pebrina é o nome da moléstia do bicho da sêda, descoberta por Pasteur, que nós poderiamos chamar de pimenta, assim chamado porque o mal das lagartas manifestava-se por uns grãozinhos semelhantes aos da pimenta.

Êle que carecia de paciência respondia mesmo aos seus inimigos com a palavra "paciência", em meio de seus esforços vê crescer as suas aflições com a morte de um filho e mais outro e mais outro.

Observou-lhe um amigo: "Para persistir no trabalho sob essas condições deve ser necessário ter muita coragem".

Respondeu Pasteur: — "Não sei se tenho coragem, mas sei qual é o meu dever". E continuou o seu trabalho, dezoito horas por dia, das cinco da manha às onze da noite. E o resultado de tal esfalfamento não se fêz esperar: sofreu um ataque de paralisia que quase lhe levou a vida. Não só os médicos desanimavam-se mas êle mesmo chegou a dizer: — Sinto muito morrer. Desejaria ter prestado maiores serviços à humanidade. Tenho ainda tanto que fazer! Há um mundo para descobrir!

CARLINOS — E morreu, vovô?

VOVÔ — Felizmente, não. Deus atendeu aos seus anseios. Enquanto o seu corpo jazia imobilizado, tra-

balhava-lhe o espírito. O repouso forçado trouxe-lhe a solução. E falou Pasteur: "A doença dos bichos da sêda é transmitida de uma geração a outra por ovos contaminados. Eliminai os ovos contaminados e obtereis uma safra sã".

As investidas, todavia, contra Pasteur, não cessaram. Antes, diziam, que a indústria francesa encontrava-se à beira do abismo enquanto êle vivia à larga. Que lhe falecia capacidade, que nem químico era, mas um parasita. Agora, que a solução foi dada, investem-se contra êle os negociantes de óvulos de bichos da sêda, que vêem na fórmula de Pasteur uma ameaça à sua renda. A êsses maus negociantes não lhes importava o desastre contanto que auferisse bom dinheiro pela má e fatídica semente. Razão por que espalham contra êle calúnias: que Pasteur fracassara nos seus esforços para combater a praga e fôra expulso a pedradas de Alais.

CARLINHOS — Não respeitaram nem a enfermidade dêle, vovô?

VOVÔ — Não respeitaram. Mas durante a convalescença do seu ataque de paralisia, os sericicultores experimentaram o seu conselho e por tôda a parte conseguiram boa safra. Uma comissão de fabricantes de sêda de Lião, agradecida, visitou-o, levando-lhe a nova, a Academia de Ciências sancionou-lhe a tese, o govêrno nomeou-o senador vitalício, os plantadores de Alais erigiram uma estátua em sua honra e os seus inimigos tiveram que emudecer.

CARLINHOS — Que coisa maravilhosa, vovô!

VOVÔ — E Pasteur assim se expressou: "O que mais me orgulhou foi a honra de ter aliviado à custa de sacrifícios pessoais uma desgraça que ameaçava a minha pátria".

Com essas palavras dêsse grande homem, terminamos por hoje, Carlinhos. Amanhã, continuaremos a sua história.

CARLINHOS — Continue hoje, vovô.

VOVÔ — Amanhã, Carlinhos. Boa noite.

CARLINHOS — Que pena, vovô! Boa noite.

PASTEUR

(Continuação)

CARLINHOS — Ainda estou com a impressão gostosa de tudo o que o vovô contou-me ontem sôbre Pasteur.

VOVÔ — Você tomou hoje leite pela manhã, Carlinhos?

CARLINHOS — Sim, vovô.

VOVÔ — Quando chega o leite que faz a mamãe antes de o servir?

CARLINHOS — Ferve-o.

VOVÔ — Sabe desde quando começaram a fervê-lo?

CARLINHOS — Não, vovô.

VOVÔ — Desde quando Pasteur provou esta necessidade ainda que pasteurização não seja o mesmo que fervura. Esta exige 100 graus centigrados, aquela não.

CARLINHOS — Como assim, vovô?

VOVÔ — A indústria vinícula francesa encontrava-se em perigo. Perdiam-se milhões, em virtude da fermentação do vinho. Descobriu Pasteur que o azedamento do vinho era causado pela ação de bactérias no líquido em fermentação. Depois de investigações estafantes que o conduziram a esta descoberta, cabia-lhe conseguir o meio de destruir as bactérias. Mas como fazê-lo sem prejudicar a qualidade do produto? Eis o dilema em que se encontrava. Não logrou resultado em diversas substâncias antissépticas por êle empregadas. É quando experimenta aquecer o vinho a vá-

rias temperaturas e consegue o fim almejado. Elevada a temperatura do vinho a 55 graus centígrados é destruido o veneno das bactérias e conservada a qualidade. Estava salva a vinicultura. E com isto originou-se o processo da pasteurização que se aplica a muitas qualidades de alimentos e bebidas e particularmente ao leite. Desta feita em virtude da paciência de Pasteur, desfruta a humanidade alto nível de saúde. E os seus sacrifícios pessoais que resultaram nestas admiráveis descobertas eram frutos de grande abnegação e desprendimento. Certa vez ao visitar o imperador Napoleão III e a imperatriz Eugênia, com tôda a côrte reunida, mostrou, ao microscópio, os pequeninos sêres, causa da fermentação dos vinhos. Como os monarcas se surpreendessem com os seus parcos e insuficientes proventos para tão grande tarefa, o grande químico respondeu-lhes que "na França um cientista rebaixar-se-ia trabalhando com o fim de lucro pessoal".

CARLINHOS — Extraordinário, vovô! Agora, vovô, quero fazer-lhe algumas perguntas sôbre a significação de têrmos empregados.

VOVÔ — Quais?

CARLINHOS — Que quer dizer microscópio?

VOVÔ — Vêr o que é pequeno.

CARLINHOS — Que significa vinicultura?

VOVÔ — Vinicultura é a cultura industrial da uva para o fabrico do vinho.

CARLINHOS — Parece-me que o vovô já me disse o que é bactéria mas eu me esqueci.

VOVÔ — Os cientistas lhe responderiam que bactéria é um microorganismo celular; mas eu lhe direi de maneira mais simples: bactéria é o mesmo que micróbio.

CARLINHOS — Estes cientistas complicam tantos as palavras! Que é antisséptico?

VOVÔ — Antisséptico é o mesmo que desinfetante: é substância química que tem a propriedade de destruir os micróbios.

CARLINHOS — A palavra pasteurização é por causa do nome de Pasteur?

VOVÔ — Precisamente. Os puristas da língua portuguêsa preferem a forma pastorizar mas a minha profunda admiração pelo sábio francês leva-me a usar ainda a expressão pasteurizar.

CARLINHOS — Eu também a usarei, vovô.

VOVÔ — Quando Pasteur imaginava maior compreensão entre os homens, o Kaiser Guilherme I da Alemanha, por seu exército, invade a França, em 1870. O sábio impossibilitado de pessoalmente, em virtude de uma paralisia parcial, seguir em defesa de sua pátria, devolve um diploma honorário de Doutor em Medicina que recebera da Universidade de Bom. — Um dos seus filhos serviu ao exército francês sob as ordens do General Bourbaki, foi ferido, mas sobreviveu à guerra. Terminada esta, Pasteur continuou o seu trabalho científico. Em suas pesquisas de combate à pebrina no bicho da sêda e da deterioração do vinho, descobriu um princípio específico: germes venenosos eram a causa das moléstias. Aplicaria o princípio às enfermidades humanas. Lutava a cirurgia contra a infecção purulenta das feridas. Conseqüentemente a mortalidade era apavorante em virtude da septicemia. O cheiro da gangrena infestava as salas dos hospitais.

CARLINHOS — Que quer dizer septicemia, vovô?

VOVÔ — Septicemia é a doença causada pela introdução de micróbios infecciosos no sangue. Pois bem; rarís-

sima era a intervenção cirúrgica que não fôsse fatal para o paciente.

Nélaton, o famoso cirurgião de Napoleão, pontificou: "aquele que vencer a infecção merecerá uma estátua de ouro". Pasteur foi êsse vencedor. Advertiu Pasteur: "A ferida aberta fica exposta a milhões de germens provenientes do ar, das mãos do cirurgião, das esponjas que banham a ferida, dos instrumentos que a tocam e das ataduras que a cobrem". Estava assentado o princípio da verdadeira assepcia.

CARLINHOS — Que é assepcia, vovô?

VOVÔ — É o conjunto de métodos terapêuticos que impede a decomposição sem emprêgo de antissépticos. Não lhe deram ouvidos, contudo, os membros da Academia de Medicina Francesa, continuando a matar. Conforme a palavra do Mestre, que o profeta não tem honra na sua terra, foi na Escócia que o professor de cirurgia da Universidade de Edimburgo, Joseph Lister, aplicou-lhe o método, desinfectando tudo pelo ácido fênico e destarte reduzindo a morta-

lidade nos seus casos cirúrgicos, de noventa a quinze por cento. Em que pesasse esta vitória continuou por muito tempo a resistência dos seus patrícios que continuavam dizimando vidas humanas, notadamente nos casos de febre puerperal. Finalmente venceu Pasteur a sua batalha de esclarecimento na higiene física e mental.

Não ficaram aí as lutas científicas de Pasteur pela preservação da vida. Graças às suas repetidas observações descobriu o princípio de imunização contra a forma **violenta** de uma enfermidade pela inoculação de uma forma **benigna** do mesmo mal. E o vírus transformado em vacina tem salvo milhares de vidas.

CARLINHOS — Que é vírus, vovô?

VOVÔ — Virus é o princípio de certas doenças contagiosas. É um veneno bacteriano, ou animal. Definindo melhor, vírus são microorganismos ultramicroscópicos de difícil observação aos métodos comuns, responsáveis por várias doenças graves como a raiva, a varíola, o tracoma, a paralisia infantil, a febre amarela. É agente causador de doença.

O princípio da imunização foi aplicado primeiro contra a praga do carbúnculo que ameaçava exterminar todo o gado da França.

CARLINHOS — Que é carbúnculo, vovô?

VOVÔ — Carbúnculo é uma doença infecciosa comum ao homem e aos animais, também chamada pústula maligna, edema maligno, antraz maligno.

CARLINHOS — Que é antraz?

VOVÔ — É um aglomerado de furúnculos.

CARLINHOS — Ah! furúnculos. Agora eu compreendi; mas desta vez custei a entender, vovô.

VOVÔ — O importante é que entendeu, Carlinhos. Inda bem que quando você não percebe bem pergunta até

saber. E eu lhe direi mais que é motivado por um bacilo.

CARLINHOS — Está complicando a coisa, vovô, que é bacilo?

VOVÔ — Bacilo é uma bactéria em forma de bastonete.

CARLINHOS — Pronto, bastonete, que é bastonete?

VOVÔ — Em forma de bastão pequeno, miceliforme, isto é, como uma varinha.

CARLINHOS — É melhor não complicar mais, vovô.

VOVÔ — Mas devo dizer-lhe ainda que é uma febre mortal do baço que na ocasião matava milhares de vacas, carneiros e aves na França e vitimou em pouco tempo mais de 500 pessoas que tiveram contacto com as rezes atacadas.

CARLINHOS — E Pasteur atalhou o mal, vovô?

VOVÔ — Os seus esforços, a sua tenacidade e paciência, fizeram com que êle conseguisse preparar a vacina contra o carbúnculo. Não demorou muito e conseguiu combater mais duas pragas terríveis: a coléra das galinhas e o mal rubro dos suinos. No decorrer dos seu trabalhos não se cansavam os seus inimigos, e um dêles, o Dr. Jules Guérin, chegou a desafiá-lo a um duelo. Mas Pasteur respondeu-lhe que a sua missão era de curar e não de matar.

CARLINHOS — Que espírito elevado, vovô!

VOVÔ — Mas depois de consagradas essas descobertas calaram-se os inimigos e venceu o gênio. É chegado o momento, Carlinhos, de mencionar a vacina antirábica de que lhe falei no princípio.

CARLINHOS — É verdade, vovô.

VOVÔ — Havia já alguns anos que êle vinha ensaiando a inoculação da saliva de cães raivosos em coelhos sãos em sua famosa batalha contra a hidrofobia. De

onde em onde sujeitava diretamente os coelhos às mordidas dos cães hidrófobos. Chegou a possuir, para as suas experiências, mais de 120 cães. Os vacinados podiam ser mordidos pelos raivosos que nada lhes acontecia pois encontravam-se completamente imunizados. Estava comprovada a eficácia da vacina. Desejava agora fazer a experiência na espécie humana. Mas quando chegou a oportunidade os seus nobres sentimentos fazia-o hesitar. Salvaria realmente o seu processo o ser humano ou viria agravar o mal? Chegara ao seu laboratório, quando Pasteur debatia-se nessa dúvida, no dia 6 de julho de 1865, uma senhora levando-lhe um filhinho de 9 anos que fôra mordido por um cão hidrófobo. Chamava-se a criança Joseph Meister, filho de um humilde padeiro alsaciano. Aconselhara a sua mãe levá-lo a Pasteur, o Dr. Werber, depois de cauterizar-lhe as feridas com ácido fênico. Eram catorze. Sentia Pasteur que maior do que a sua dúvida era a angústia daquela mãe. É assim que vacina a criança e oferece-lhe pousada em sua casa a fim de que pudesse seguir de perto a evolução. Noites de vigilia para Pasteur o sono tranqüilo para a criança. Passaram-se trinta e um dias. O menino estava radicalmente curado. Pasteur vencera a hidrofobia.

CARLINHOS — Que maravilha, vovô!

VOVÔ — Sucederam-se outros casos. Um animal raivoso investe-se contra cinco rapazinhos, quando um pequeno pastor, João Batista Grefille, num gesto nobre e cheio de heroismo, atira-se ao animal sendo por êle mordido. Conduzido ao laboratório de Pasteur seis dias depois do acidente também foi curado. Da América, da Rússia e de tantos outros lugares, doentes vêm de encontro a Pasteur.

A Academia de Medicina de Paris consagra-o delirantemente. Cria-se o Instituto Pasteur. O Czar da Rússia contribui com 100.000 francos. Subscritores havia de tôda a espécie. O primeiro fôra Joseph Meister que veio a ser porteiro do Instituto. O nosso então Imperador D. Pedro II concorreu com boa contribuição e maior estímulo tendo mesmo Pasteur mandado colocar-lhe um busto de bronze no hall da entrada do edifício do Instituto.

Incalculável tem sido o benefício que a descoberta de Pasteur trouxe para a humanidade. E apesar de todo o benefício trazido ao próximo era muito humilde Pasteur.

CARLINHOS — Era, vovô?

VOVÔ — Citar-lhe-ei um exemplo: Escolhido pelo govêrno francês para representar o seu país no Congresso Médico Internacional de Londres entrou no salão em meio de estonteantes aplausos. Não imaginando que as aclamações fôssem para êle dirigidas, fala aos seus companheiros: "Deve ser o príncipe de Gales que está chegando. Que pena não ter vindo mais cedo".

CARLINHOS — O vovô me tem dito mesmo que são assim os verdadeiros homens, não é vovô?

VOVÔ — Precisamente. E continuou no seu árduo trabalho até o fim. Ao completar 70 anos, no dia 27 de dezembro de 1892, comemoraram-lhe espetaculosa sessão de jubileu, a França e todos os paises da Europa, quando se cunhou uma medalha lendo-se-lhe no reverso as seguintes palavras: — "A Pasteur, no dia de seus 70 anos, a França e a humanidade agradecidas".

CARLINHOS — Que bom, vovô, depois de tantas lutas e intrigas, prestarem-lhe os seus as honras merecidas.

VOVÔ — É verdade, Carlinhos. Quer saber quanto de sublime há na última mensagem de Pasteur ao mundo?

CARLINHOS — Quero, vovô.

VOVÔ — Foi durante essa solenidade do seu setuagésimo aniversário. Estava muito abatido fìsicamente para que êle próprio lesse o seu discurso. Pediu ao seu filho fazê-lo por êle. Dizia assim: "Senhores... vós me proporcionais a maior felicidade que pode ser experimentada por uma homem cuja fé inabalável é que a ciência e a paz hão de triunfar sôbre a ignorância e a guerra... Nunca vos deixeis descoroçoar pela tristeza de certas horas que passam pelas nações... Tenho fé em que as nações hão de aprender a unir-se, não para a destruição, mas para a cooperação e que o futuro pertencerá, não aos conquistadores, mas aos salvadores da humanidade..."

CARLINHOS — Estou até arrepiado, vovô. Que Deus ouça a profecia de Pasteur.

VOVÔ — A morte surpreendeu ao sábio, pouco menos de três anos depois daquele dia, ou seja em 27 de setembro de 1895. O bem que êle plantou aí está produzindo o seu fruto e o bem que êle pregou é o bem anunciado por Cristo que vencerá em tôda a terra.

CARLINHOS — Amém.

VOVÔ — Boa noite, Carlinhos.

CARLINHOS — Boa noite, vovô.

MACACOS, GIRAFAS, RINOCERONTES E HIPOPÓTAMOS

Reunidos novamente o vovô, os dois netinhos e os amiguinhos.

VOVÔ — Vocês já viram macacos?

NEUSINHA — Eu vi, lembra-se vovô? Quando o vovô levou-me e ao Carlinhos no Jardim Zoológico, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro? Quantos bichos! E os macacos eram tão engraçados! Trepavam, faziam caretas. E havia aquêle grande que cuspia quando o homem mandava. E entendia tudo quanto o homem dizia, não é vovô?!

VOVÔ — Pelo menos o símio e êle entendiam-se.

NEUSINHA — Mas não era símio, era macaco, vovô!

VOVÔ — (Rindo-se) Símio é um nome sinônimo de macaco, Neusinha. Símio e macaco é a mesma coisa. E também você pode dizer mono, ou bugio.

NEUSINHA — (Contando nos dedos) Símio, mono, bugio, macaco.

Quatro nomes, não é vovô?

VOVÔ — Direito. E vocês aí conhecem macacos?

BIRUNGA — Eu conheço.

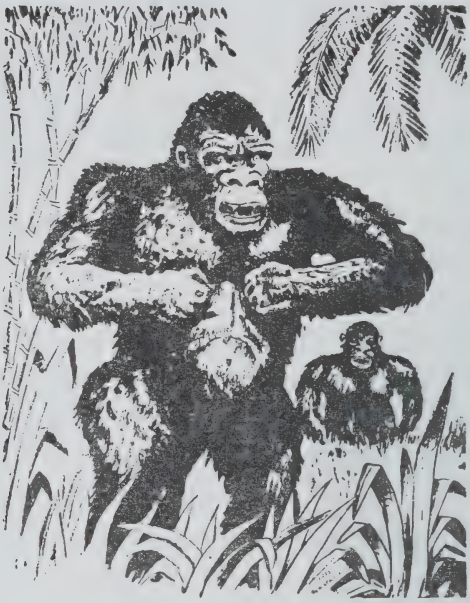
PAULO — Eu também.

FREDI — Eu também. É verdade, Dr. Antônio, que os macacos às vêzes atacam os milharais?

VOVÔ — É verdade. Mas não são grandes os estragos que causam.

O que é preciso é que vocês não os ponham em meio de louça.

FREDI — Já ouvi dizer de um homem que estragando tudo foi comparado a macacos em meio de louça.



VOVÔ — Certo. Há, contudo, muitos macacos úteis que prestam serviços na destruição de insectos com os quais se servem para a alimentação. Alimentam-se também de pequenas aves que encontram nos ninhos, assim como de ovos achados nos mesmos lugares.

BIRUNGA — Lá na minha terra disseram-me que há macacos da noite. Está certo?

VOVÔ — Está. São macacos de olhos muito grandes que saem à noite em pequenos bandos em busca de alimento vegetal e animal. De manhã recolhem-se para os seus esconderijos onde passam o dia dormindo.

PAULO — É verdade que defendem os filhos dos caçadores?

VOVÔ — Sim. Êsses mamíferos quadrumanos têm coisas incríveis que levaram até alguns cientistas à hipótese da descendência do homem do macaco.

CARLINHOS — E que acha o vovô disso?

VOVÔ — Se o homem veio do macaco, que anda fazendo essa macacada trouxa por aí que nunca mais vira homem? (Riram-se todos).

NEUSINHA — Como se chamam aqueles macaquinhos lá da casa da Maria da Conceição?

VOVÔ — São micos, ou saguis.

PAULO — Quais são mesmo os maiores macacos, Dr. Antônio?

VOVÔ — São o chipanzé, da África Central, o gorila, do oeste da África e o orangotango, de Sumatra e Borneu.

PAULO — Qual o maior de todos?

VOVÔ — O maior e o mais feroz é o gorila, animal impossível de ser pegado. O orangotango também é feroz, porém menos.

PAULO — E o chipanzé?

VOVÔ — O chipanzé, apanhado novo, afeiçoa-se até muito ao dono, sendo, todavia, bastante ciumento. É, aliás o ciúme uma qualidade comum entre os macacos.

BIRUNGA — É verdade que são organizados?

VOVÔ — Chegam a ter chefes que lhes dão ordem. Têm êles várias coisas interessantes como seja o hábito de cochichar uns aos ouvidos dos outros.

NEUSINHA — O vovô compra um miquinho para mim igual ao da Maria da Conceição?

VOVÔ — Compro sim. E depois quando você brincar com êle vai lembrar-se de uma que aconteceu com o vovô.

NEUSINHA — Que foi, vovô?

VOVÔ — Não faz muito tempo o vovô encontrava-se em Presidente Prudente, neste Estado. Havia eu prometido fazer uma palestra às nove horas da manhã. Depois teria que fazer outra, em seguida, na mesma cidade. Pedi o café. Este demorou-se demais a saí atrasado, sem poder esperá-lo, já às 9,10, com fome.

Terminando a minha tarefa no primeiro lugar já um automóvel esperava-me para falar na outra sociedade. Quando retornava, sem tomar a alimentação da manhã, soou o relógio da Igreja, doze horas. Nesse momento, uma menina cantava, à porta de sua casa: "É meio dia, o macaco assobia, de barriga vazia, fazendo careta, para a D.ª Maria".

NEUSINHA — Ah! Que engraçado! Eu queria ver a cara do vovô naquela hora.

VOVÔ — O vovô achou muita graça.

NEUSINHA — De barriga vazia e achou graça, vovô?

VOVÔ — A coincidência foi tão grande que eu tinha de rir.

NEUSINHA — Pois eu era capaz de brigar com a menina. Desafôro.

VOVÔ — Mas a menina não sabia de nada, minha netinha.

NEUSINHA — Ah! É mesmo!

VOVÔ — E além disso, a minha netinha é boa menina e não briga assim por qualquer coisa.

NEUSINHA — **(Um pouco desconcertada)** — Vovô, e lá no Jardim Zoológico, que pescoço alto o da girafa!

VOVÔ — A girafa é o animal mais alto do mundo. Algumas medem mais de cinco metros. Os elefantes, que são altos, os maiores, atingem apenas a metade da altura de uma girafa.

CARLINHOS — De que é que se alimentam, vovô?

VOVÔ —Há uma planta, a acácia, de ramos muito altos. Esta é o seu alimento favorito. Gosta também de outras plantas espinhosas.

CARLINHOS — De onde é a girafa?

VOVÔ — Da África.

CARLINHOS — É muito mansa, não é vovô?

VOVÔ — Bastante mansa, mas quando obrigada à luta, tem uma bravura igual a do leão.

NEUSINHA — Então se parece com o vovô.

VOVÔ — **(em meio de risada).** O que é isso, Neusinha!

NEUSINHA — A vovó é quem disse que o vovô é assim.

VOVÔ — Esta vovó!

NEUSINHA — E o Rinoceronte que vi também no Jardim Zoológico, que bicho feio, vovô.

VOVÔ — Dos grandes animais é o mais feio. O rinocerante da Índia tem um cifre no nariz; o da África tem

dois chifres. Não são chifres de ossos, mas formados de fibras compridas e consistentes.

BIRUNGA — É manso, ou bravo, o rinoceronte?

VOVÔ — Não digo bravo, mas feroz, ferocíssimo, cruel. Tem apesar disso a sua utilidade, pois come plantas de pequeno porte, com o que leva o ar e a luz ao seio da floresta prestando destarte benefícios aos homens aos quais êles tanto detestam.

CARLINHOS — Ah! É então o rinoceronne animal herbívoro?

VOVÔ — Certo. E sendo animal herbívoro, tem contudo uma pele muito espessa com a qual fazem-se excelentes escudos quase à prova de bala. Os chifres são utilizados para obras de marcenaria.

CARLINHOS — Você falou vovô, em rinoceronte, gostaria de saber um pouco sôbre os hipopótamos.

VOVÔ — Hipopótamo, têrmo originado de duas palavras gregas: hipos — cavalo e pótamos — rio é um animal

de pernas curtas demais em relação ao corpo. O hipopótamo também presta o seu benefício; pois que, alimenta-se da vegetação aquática, evitando desta maneira a paragem dos cursos d'água, impedindo as cheias que prejudicariam as colheitas dos campos vizinhos.

CARLINHOS — É verdade que o hipopótamo anda debaixo d'água?

VOVÔ — É verdade. E até retém em baixo d'água a respiração por dez minutos. Nada e mergulha quase tão fàcilmente como um peixe.

CARLINHOS — E tem mesmo dentes muito fortes?

VOVÔ — Os seus dentes são formados do mais puro marfim.

CARLINHOS — O hipopótamo é da Ásia ou da África?

VOVÔ — É da África.

CARLINHOS — Os hipopótamos andam sós ou juntos?

VOVÔ — Andam comumente em manadas e passam as noites nas ilhas dos rios e lagos. Mais alguma coisa?

CARLINHOS — Muito obrigado, vovô.

VOVÔ — Paremos hoje por aqui. Até amanhã a todos vocês.

TODOS — Até amanhã.

A BALEIA — A HISTÓRIA DE JONAS

Reunidos novamente o vovô, seus netinhos e seus amiguinhos.

VOVÔ — Qual o animal, existente neste mundo, que tem a maior boca. Algum de vocês sabem?

Depois de várias respostas e opiniões, disse finalmente o

CARLINHOS — É a baleia, vovô.

VOVÔ — Acertou, Carlinhos, é de fato a baleia.

PAULO — Ah! É mesmo. Até ela enguliu Jonas!

VOVÔ — Não, Paulo, a baleia não engoliu Jonas. Essa é uma informação errada.

FREDI — Mas a Bíblia não disse isso?

VOVÔ — Não. A Bíblia não afirmou que a baleia tivesse engulido a Jonas.

FREDI — Mas eu sempre ouvi isso.

VOVÔ — Jonas foi tragado não por uma baleia mas por um grande peixe.

FREDI — Mas a baleia não é o maior peixe que existe?

VOVÔ — A baleia é grande, é mesmo o maior animal do mundo, mas não é peixe.

FREDI — Ué, Dr. Antônio, não é peixe? Não vive no mar?

VOVÔ — Nem tudo o que vive no mar é peixe. A morsa e a foca por exemplo, vivem, no mar.

BIRUNGA — Que é morsa?

VOVÔ — Morsa é um mamífero do mar. Possui duas

presas voltadas para baixo com as quais desenterram os mariscos de que se alimentam. É animal que vive no mar e também na terra.

BIRUNGA — E a foca?

VOVÔ — A foca é um elefante marinho, mais corpulento que o da terra, medindo de 6 a 7 m. de comprimento. É animal carnívoro. O seu corpo fornece mais de 30 litros de óleo. Da foca aproveita-se a carne, o óleo e a pele. São mamíferos do mar também o golfinho, a touinha, o cachalote e outros.

NEUSINHA — Eu quero ouvir é sôbre a baleia. Essa que tem a maior boca do mundo!

VOVÔ — A baleia é um cetáceo.

NEUSINHA — Que é cetáceo?

VOVÔ — Chamam-se cetáceos os grandes mamíferos que têm formà de peixe.

NEUSINHA — Tem forma de peixe e não é peixe?

VOVÔ — Aos peixes basta o oxigênio dissolvido na água do mar, mas as baleias necessitam como nós de respirar o ar atmosférico. Razão porque sobem à superfície do mar a fim de expelir o ar viciado do fundo. Depois descem novamente até se gastarem as reservas de oxigênio.

NEUSINHA — Vem à superfície da água e vai até ao fundo?

VOVÔ — Precisamente. É o único animal marinho que suporta as diversas pressões d'água. Certos peixes do fundo do mar, rebentam, quando trazidos à superfície, e os do alto, não suportam, por sua vez, as profundidades do mar. A baleia, no entanto, que vem à tona d'água para respirar, mergulha até 2 quilômetros de profundidade.

CARLINHOS — A forma da baleia é inteiramente igual a do peixe?

VOVÔ — As caudas dos peixes são verticais, enquanto que a da baleia é horizontal, por sinal enorme, medindo cerca de cinco metros de comprimento. É essa cauda horizontal que a auxilia na rapidez do deslocamento de seu enorme corpo ao longo das águas.

NEUSINHA — Tem a maior boca do mundo hem, vovô!

VOVÔ — Você não se esqueceu desta particularidade, não é? Quer saber de outra coisa?

NEUSINHA — Quero, vovô.

VOVÔ — A maior boca do mundo tem uma garganta estreitíssima. Pode um homem perfeitamente ficar em pé, dentro dela, aberta, mas só com dificuldade poderia colocar dentro da garganta o seu punho.

NEUSINHA — Não diga, vovô?!

VOVÔ — Dessa forma só pode alimentar-se a baleia de animais pequeníssimos auxiliada pelas barbas que ficam na abóbada palatina superior.

NEUSINHA — Barbas?

VOVÔ — As baleias são procuradas por causa da grande quantidade de óleo que contém e pelas "barbas de

baleia", que valem milhares de cruzeiros por tonelada.

NEUSINHA — Quanto é uma tonelada?

VOVÔ — Uma tonelada são mil quilos.

NEUSINHA — Ah! bem. Mas para conseguir uma tonelada precisa de muitas baleias.

VOVÔ —Pelo contrário, Neusinha. Uma só baleia fornece cêrca de uma tonelada e meia de suas barbas, bem como 27.000 quilos de azeite. Algumas há que chegam a fornecer duas toneladas de barba e mais de 250 barris de óleo.

NEUSINHA — **Nossa!** Então a baleia é um monstro!

VOVÔ — Você tem razão. É um monstro marinho. Uma baleia de tamanho regular mede de 18 a 20 m de comprimento, de 10 a 13 de circunferência, e a cabeça de 6 a 7 metros.

FREDI — E quanto pesa então?

VOVÔ — Pesa 160.000 quilos, ou seja o pêso de 200 touros. Como estão ouvindo e como já lhes disse é o maior animal do mundo e que tem a maior boca do mundo. Quando aberta a maxilia da baleia mede 4 m. de comprimento e 2 m. de largura; a distância entre a maxila inferior e o céu da boca é de mais de 3 metros.

NEUSINHA — Que adianta uma boca desse tamanho. Não tem garganta? (Risada geral).

BIRUNGA — Com tal garganta não poderia mesmo tragar Jonas.

NEUSINHA — Ah! Vovô! Conte esta história do peixe que enguliu Jonas!

VOVÔ — É a história contada pelo próprio Jonas. Prefiro que a ouçam por êle mesmo. Vou buscar uma Bíblia.

O Dr. Antônio retira-se e volta com a Bíblia.

VOVÔ — Aqui está. Ouçam o que disse êle. "E veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitaí, dizendo: Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim. E Jonas se levantou para fugir de diante da face do Senhor para Tarsis. E descendo a Jope, achou que um navio ia para Tarsis; pagou, pois, a sua passagem, e desceu para dentro dêle, para ir com êles para Tarsis, de diante da face do Senhor. Mas o Senhor mandou ao mar um grande vento, e fêz-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava para quebrar-se. Então temeram os marinheiros, e clamavam cada um ao seu Deus, e lançavam no mar as fazendas, que estavam no navio, para o aliviarem do seu pêso; Jonas porém, desceu aos lugares do porão e se deitou, e dormia profundo sono. E o mestre do navio, chegou-se a êle e disse-lhe: Que tens, dormente? levanta-te, invoca o teu Deus; talvez assim Deus se lembre de nós para que não padeçamos. E dizia cada um ao seu companheiro: Vinde e lancemos sortes para que saibamos por que causa nos sobreveio êste mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sôbre Jonas. Então lhe disseram: Declara-nos tu agora, por que razão nos sobreveio êste mal. Que ocupação é a tua? e donde vens? qual é a tua terra? e de que povo és tu? E êle lhes disse: Eu sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fêz o mar e a terra sêca. Então êstes homens se encheram de grande temor e lhe disseram. Por que fizeste tu isto? Pois sabiam os homens que fugia de diante do Senhor, porque êle lho tinha declarado. E disseram-lhe: Que te faremos nós, para que o mar se acalme? Porque o mar se elevava e se engrossava cada vez mais. E êle lhes disse: Levantai-me e lançai-me ao mar, e o mar

se aquietará; porque eu sei que por minha causa nos sobreveio esta grande tempestade. Entretanto os homens remavam, esforçando-se para alcançar a terra; mas não podiam, porquanto o mar se ia embravecendo cada vez mais contra êles. Então clamaram ao Senhor, e disseram. Ah! Senhor! nós te rogamos! não pereçamos por causa da vida dêste homem e não ponhas sôbre nós o sangue inocente; porque tu, Senhor, fizeste como te aprouve. E levantaram a Jonas, e o lançaram ao mar, e cessou o mar da sua fúria Temeram, pois, êstes homens ao Senhor com grande temor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor e fizeram votos. Deparou, pois, o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.

O vovô para um pouco a leitura e pergunta: estão gostando?

ao que responde a

NEUSINHA — Muito, vovô. Coitado do Jonas, não é?

VOVÔ — Vocês querem saber do resto?

TODOS — Queremos.

VOVÔ — Agora cada um pegue uma bíblia e leia o restante da história.

BIRUNGA — Ara, leia, Dr. Antônio .

VOVÔ — Eu gostaria que vocês mesmos lessem. E por hoje basta.

FREDI — Que pena!

VOVÔ — Até amanhã a todos.

TODOS — Até amanhã.

ESPÉCIES DE MAMÍFEROS E AVES

Reunidos uma vez mais o vovô, os netinhos e os três amiguinhos.

VOVÔ — Vocês admiraram-se da baleia não ser peixe, mas um mamífero. Os mamíferos invadem todos os terrenos. O homem é mamífero. Como já sabem, há mamíferos voadores e escavadores.

FREDI — A propósito de mamífero eu quero que o senhor me responda esta.

FREDI — Uma empregada, ama-sêca, encontrava-se só em casa em companhia da criança que estava com fome. Vendo a ama, no vizinho, um litro de leite, roubou-o, ferveu o leite e deu-o ao menino. Como se chamava a criança?

VOVÔ — **Ama-deu Leite Furtado.**

FREDI — Ah! O senhor sabia desta doutor Antônio!

CARLINHOS — É uma piada ótima.

PAULO — Mas eu quero saber é desta história de mamífero que vôa.

VOVÔ — O morcêgo.

PAULO — Mas o morcêgo é uma ave, Dr. Antônio.

VOVÔ — Êste é um equívoco em que elaboraram durante muitos anos. O morcêgo não é uma ave. É mamífero. Alimenta os seus filhos com leite, tem dentes e não põe ovos como as aves.

PAULO — Cada uma! Ainda bem que tenho aprendido

muita coisa com o senhor, pois não durmo de botinas e nem com os olhos abertos.

VOVÔ — Que atrapalhada Paulo. Não entendi nada.

PAULO — Acho que nem eu entendi, Dr. Antônio! É que o morcêgo me deixou tonto.

VOVÔ — A propósito de dormir, o morcêgo dorme de dia e vôa à noite, quando enxerga muito bem. E possue muito bom tato.

CARLINHOS — É verdade que chupa o sangue de animais e dos homens?

VOVÔ — Ainda que os morcêgos alimentem-se em geral de insetos, é verdade que chupam o sangue. E é mesmo um animal impressionante.

BIRUNGA — O senhor falou em mamíferos escavadores. Quais são?

VOVÔ — Os ratos.

BIRUNGA — Ah! É verdade.

VOVÔ — Os ratos são dos animais mais nocivos que existem. Furtam e comem vegetais, ovos, manteiga, queijos, doces, toucinhos, pequenas aves. Penetram em tôda parte. Excavam a terra em baixo das paredes e trepam em qualquer lugar e invadem residências, tirando-lhes o sossêgo. Mas isso não é o pior. São transmissores de doenças. Entram nos chiqueiros, onde são comidos pelos porcos, transmitindo-lhes enfermidades, que por sua vez, comunicam aos homens. E mais: no pêlo dos ratos, aninham-se inúmeros parasitas que, se picam os homens, inoculam-lhes no sangue muitos males.

NEUSINHA — Que horror, vovô! Que mêdo!

PAULO — Mas eu não me conformo é com êste negócio de mamífero voar.

VOVÔ — Não se pertube. Assim como há animais que voam e não são aves, há também aves que não voam.

PAULO — Quais?

VOVÔ — Como exemplo o avetruz e o pinguim.

PAULO — Que danados! Não é que é mesmo!

VOVÔ — E assim como existem mamíferos marinhos, existem aves marinhas.

PAULO — Quais?

VOVÔ — O albatroz, as gaivotas, o petrelo, a andorinha do mar, o papagaio do mar, o mergulhão!

PAULO — Quantos!?!

FREDI — O senhor falou há pouco em avestruz. É verdade que êle corre mais depressa do que um cavalo?

VOVÔ — É. As asas servem-lhe de balanceiro a equilibrar-lhe na corrida.

PAULO — É verdade que o avestruz, quando perseguido, esconde a cabeça na areia?

VOVÔ — Não. Isso não é verdade. O avestruz até se defende bem. Com as patas, dá coice para diante podendo produzir graves ferimentos.

PAULO — Eu tenho visto pinguins no cinema, nas regiões polares, mas ainda não entendi se vivem no mar ou na terra.

VOVÔ — Vivem no mar, mas vêm à terra por ovos.

NEUSINHA — Ih! Vovô, eu estou com mêdo de ratos.

VOVÔ — Está ainda pensando nos ratos?

NEUSINHA — Estou, vovô.

VOVÔ — É um dever de todos dar combate aos ratos. Ainda bem que os gatos nos auxiliam nisso. Você no entanto não carece de ter mêdo, pois tem pais que moram em casa limpa, em bom lugar, de inteira higiene. A higiene é um dos grandes fatores para a saúde.

CARLINHOS — De onde é originário o avestruz, vovô?

VOVÔ — Da África, existindo também na Índia.

PAULO — Então no mato aqui no Brasil não há avestruz?

VOVÔ — Aqui no Brasil, em nossos campos, não.

CARLINHOS — Qual o tamanho do avestruz?

VOVÔ — De todos os pernaltas é o maior, medindo 2,60 m. de altura.

CARLINHOS — Que mais você me diz, vovô, sôbre o avestruz?

VOVÔ — É um animal desconfiado, mas pouco inteligente e na época da procreação reunen-se em famílias de um macho e duas ou quatro fêmeas. Possue a vista e o ouvido bem desenvolvidos. — Bebem muita água. As fêmeas põem os ovos no solo, sem terem preparado qualquer ninho. O macho encarrega-se de chocá-los, demorando a incubação de seis a sete semanas.

CARLINHOS — Sendo os avestruzes tão alos, os seus ovos são muito grandes?

VOVÔ — Enormes. Pesam em média 1,442 g. o que equivale ao pêso de 2 duzias de ovos de galinha.

CARLINHOS — Por que essa expressão — estômago de avestruz?

VOVÔ — Ao comilão diz-se ter estômago de avestruz, pois avestruz come tudo o que encontra, até vidro.

CARLINHOS — Há muito tempo que se empregam plumas de avestruz?

VOVÔ — Desde as mais remotas eras.

PAULO — Mas, Dr. Antônio, o senhor disse que não existe avestruz nos campos brasileiros. Eu vi lá em Minas.

VOVÔ — O que você viu foi nandú, ou ema ou seriema.

PAULO — Que é nandú?

VOVÔ — Nandú é um ave corpulenta existente na América do Sul, que tem o aspecto e os costumes dos aves-

truzes da África. Digamos: é o avestruz da América. É animal de planície, que vive em bando e corre admiràvelmente. Selvagem, estúpido e difícil de domesticar.

PAULO — E a ema?

VOVÔ — É como o nandú, ou nhandú, a maior ave brasileira, medindo 2 m de altura.

PAULO — E a seriema?

VOVÔ — Seriema, também, chamada sariema, tem o mesmo aspecto, mas um pouco menor do que a ema. Essas aves, a ema e a seriema, devem ser protegidas, pois que dão caça a insetos e a inúmeros répteis perigosos ao homem.

FREDI — Dr. Antônio, o senhor falou em mamíferos escavadores, quando se referiu ao ratos. O tatu não é também um mamífero escavador?

VOVÔ — Gostei de sua pergunta, Fredi. Realmente o tatu é um mamífero escavador.

FREDI — Posso contar-lhe uma, Dr. Antônio?

VOVÔ — Logo vi que falou em tatu não foi sem motivo.

FREDI — De fato. Vou dizer-lhes por que. Um sírio ficou viúvo e tôdas as semanas ia ao túmulo, com a seguinte lamúria: **Tenho tanta sodade docê, minha mulher, vou almoçar, lembra docê, vou jantar, pensa você, vou ao cinema, sinto falta docê. Sai daí um poquino só, prá mata sodade, um poquino só**

Um dia, enquanto repetia esta cena, um tatu mexe-se em baixo do túmulo da espôsa e êle assustado e arrepiado diz: **estou brincando, mulher, num bode nem brinca?** (Riram-se todos).

VOVÔ — Gostei, Fredi. Por hoje basta. Até amanhã a vocês.

TODOS — Até amanhã.

FATOS DA ESCRAVIDÃO

Reunidos o vovô, os netinhos e os amigos dos netinhos, Neusinha que se impressionara com uma história ouvida de um tio sôbre escravidão pergunta ao vovô:

NEUSINHA — Vovô, é fato que a escravidão no mundo não foi só de negros da África, mas houve várias espécies de escravos?

VOVÔ — Sim. O homem sujeito à autoridade de outro homem como servo, como escravo, vem de épocas remotas, tendo diversas causas.

NEUSINHA — Explique-nos, vovô.

VOVÔ — A escravidão existiu no Egito, na Caldéia, na Assíria, na Síria e em tôda a Asia Menor, na Grécia e em Roma, não tendo escapado o povo hebreu apesar dos princípios de sua religião.

FREDI — Como existia a escravidão?

VOVÔ — A escravidão resultava principalmente por causa das guerras de conquistas. O prisioneiro de guerra constituía-se um escravo. Variava a sua condição de acôrdo com o serviço que lhe era impôsto. O serviço era dado conforme a capacidade do ser aprisionado.

Felizmente os povos foram abolindo aos poucos a escravidãão. Mais tarde em alguns países o regime da escravatura foi-se modificando da escravidão geral para a escravidão negra.

No Brasil a escravidão vermelha e a negra. A vermelha, do índio, durou pouco tempo. A outra constituiu triste página da nossa história.

CARLINHOS — Quando começou a escravidão no Brasil?

VOVÔ — Na Europa o tráfico de africanos e a sua escravidão perde-se sua origem no alvorecer dos tempos modernos. Não se sabe quem os iniciaram: se portuguêses ou espanhóis. Um dos dois teve essa nefanda primasia. Secundaram-lhes, inglêses, franceses e holandeses.

CARLINHOS — Mas eu quero saber no Brasil, vovô.

VOVÔ — No Brasil a escravidão africana principiou com o início da colonização. A pouco e pouco foram para aqui trazidos mais de três milhões.

BIRUNGA — Não me conformo de terem sido vendidos como coisas.

VOVÔ — Variavam até os preços: valiam mais ou menos, de acôrdo com a idade, sexo, procedência e destino.

PAULO — Quem primeiro se levantou contra a escravidão?

VOVÔ — Desde o início houve corações generosos que abertamente se insurgiam contra a escravidão. Um dos primeiros foi José Bonifácio que chegou a redigir projeto de abolição do cativeiro, desprezado pelos seus companheiros políticos

CARLINHOS — Gosto de José Bonifácio.

VOVÔ — O grande tribuno Joaquim Nabuco no seu livro, o abolicionismo, chegou a insinuar que uma das razões do exílio do grande Andrada foi o seu ardor abolicionista.

NEUSINHA — É verdade, vovô que Pedro II sempre quis a libertação dos escravos?

VOVÔ — D. Pedro II foi o inspirador de tudo o que se fêz no Brasil em favor da libertação dos escravos. Tinha horror aos traficantes de negros e sob sua influência criaram-se projetos, decretos e leis em favor da emancipação dos escravos.

CARLINHOS — A lei áurea levou a assinatura da Princesa Regente D.ª Isabel a redentora, não é vovô!?

VOVÔ — Na ausência de D. Pedro II ela assinou a libertação definitiva dos escravos conforme os seus sentimentos e do seu venerado pai. Disse D.ª Isabel, com grande emoção no ato, ao receber um ramalhete de alvíssimas camélias:

"Seria hoje o dia mais feliz da minha vida se meu extremoso pai não se achasse enfêrmo; mas espero em Deus que em breve êle regresse bom à nossa pátria".

BIRUNIGA — É verdade que havia dois descendentes de côr entre os abolicionistas?

VOVÔ — Perfeitamente. Ao lado de Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Benjamim Constant, André Rebouças, Leôncio Corrêia, Teixeira Mendes, Antônio

Prado, João Alfredo, Afonso Celso, Pimenta Bueno, Moreira de Vasconcelos e outros, encontravam-se José do Patrocínio e Luís Gama.

BIRUNGA — Devem ter sofrido muito, não Dr. Antônio?

VOVÔ — Um dia disseram que José do Patrocínio era filho de uma negra, quitandeira em Campos, isso para humilhá-lo

José do Patrocínio, grande jornalista, respondeu: "Sim, eu disso me orgulho e ainda mais de ter ela expirado em meus braços e ter pegado na alça do seu caixão o conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas, então presidente do conselho de ministros da corôa e os mais notáveis homens dêsse tempo".

BIRUNGA — E Luís Gama?

VOVÔ — Vou contar-lhes uma história comovente.

NEUSINHA — Conte, vovô.

VOVÔ — A 10 de novembro de 1840 penetraram a bordo da embarcação "Saraiva" ancorado a pouca distância do cais, na Bahia, o dono de uma taberna, de nome Quintela, um seu amigo, jogador, branco, com um filho, um pretinho de 10 anos que o tivera de uma preta.

Enquanto o menino se distraía com os marinheiros, os dois entraram em entendimento com o capitão e retomaram o bote que os conduzira à embarcação. Ao vê-los partir o negrinho corre, chega à escada e grita:

— Meu pai? meu pai? não me leva?

— Eu volto já para te levar, — respondeu o miserável. E o menino, compreendendo tudo, num ímpeto de dor e de revolta, exclama:

— Meu pai, o senhor me vendeu!...

Pois bem. Êsse pretinho é o que se tornou mais tarde o poeta abolicionista Luís Gama!

NEUSINHA — Eu fico até arrepiada, vovô!

BIRUNGA — É impressionante!

CARLINHOS — Realmente enternecedora!

FREDI — O pai de Luís Gama era um monstro.

VOVÔ — Diz muito bem, Fredi. É o que se pode expressar a respeito de um tal homem!

PAULO — Gostei tanto de conhecer esta história, Dr. Antônio.

VOVÔ — Querem ouvir outra?

TODOS — Queremos.

VOVÔ — Numa fazenda, rodeada de todo o confôrto, vivia ao lado de sua extremosa madrinha um bom e educado menino de seis anos conhecido na intimidade por Quinquim. Encontrava-se o Quinquim sentado numa rêde da varanda em frente de sua casa quando vê chegar correndo, assustado, um prêto de fora da sua fazenda que, chorando, conta-lhe sua desdita:

Fugira de um senhor impiedoso que já estaria de certo à sua procura e ao encontrá-lo mata-lo-ia de pancada.

Tendo notícia de que os prêtos ali eram bem tratados, ajoelhou-se diante do menino pedindo-lhe que o comprasse a seu senhor, mostrando-lhe marcas no corpo de pancadas e narrando que estivera três dias de castigo, amarrado a um tronco, recebendo só pão e água.

A madrinha de Quinquim assistira tôda a cêna e vendo a emoção que causara ao seu afilhado, de conformidade com os desejos dêste, adquiriu o prêto Teodoro, que era como se chamava.

BIRUNGA — Que menino de bom coração!

VOVÔ — Sabem que menino era aquêle?

TODOS — Não.

VOVÔ — Trata-se do que se tornou mais tarde o grande libertador de escravos, Joaquim Nabuco, um dos vultos que sobremaneira honraram nossa pátria.

FREDI — Cada vez que o ouço, Dr. Antônio, mais quero conhecer coisas como esta que me dá alegria de ser brasileiro, pelos exemplos que o senhor nos apresenta.

CARLINHOS — Vovô, um jornalista cearense me disse que a maior glória da libertação dos escravos no Brasil cabe ao Ceará. Que me diz nesse sentido.

VOVÔ — O jornalista tem razão de se ufanar com o feito de seu Estado. Só em 28 de setembro de 1885 é que foram declarados livres os escravos maiores de 60 anos. Só em 13 de maio de 1888 eram libertados definitivamente os escravos no Brasil. Bem antes de 1888 e mais de um ano antes de serem libertos os maiores de 60 anos, em 25 de março de 1884, a província do Ceará, num gesto de grande amor a liberdade, emancipou todos os seus escravos, cujo número chegava a 34.000.

À ação dos defensores da liberdade dos escravos juntaram bravos jangadeiros cearenses que não só se recusavam a transportar escravos aos navios, como os conduzia à liberdade. Destacava-se entre êles um bravo cearense chamado Francisco do Nascimento, a quem deram a alcunha de dragão do mar.

Ao Ceará cognominaram com muita razão terra da luz. Três meses depois o Amazonas seguia o confortante exemplo libertando os seus escravos no dia 20 de junho, não demorando muito o Rio Grande do Sul a proceder da mesma forma no dia 7 de setembro do mesmo ano.

BIRUNGA — Dr Antônio, vamos dar uns vivas aqui?

VOVÔ — Vamos.

BIRUNGA — Viva o Ceará!
TODOS — Viva!
BIRUNGA — Viva o Amazonas!
TODOS — Viva!
BIRUNGA — Viva o Rio Grande do Sul!
TODOS — Viva!
BIRUNGA — Viva o Brasil!
TODOS — Viva!
PAULO — Será que a princesa Isabel não se arrependeu de haver assinado a lei áurea depois da deposição do trono?
VOVÔ — Em absoluto. Os sentimentos da princesa Isabel, seu espôso e filhos, seu pai e mãe eram um só em favor da libertação dos escravos.
PAULO — Os filhos dela também?
VOVÔ — Basta dizer-lhes que os filhos da princesa Isabel, os pequenos príncipes Pedro, Luís e Antônio imprimiam um jornalzinho denominado — "O Correio Imperial" — numa pequena prensa tipográfica que haviam recebido de presente, abolicionista, em defesa dos escravos, contra a nefasta escravidão, lido pelos íntimos do palácio.
CARLINHOS — Agrada-me cientificar-me de que pessoas bem aquinhoadas como Joaquim Nabuco e os filhos da princesa Isabel faziam côro em favor dos humildes cerceados em sua liberdade.
PAULO — Mas eu ainda fico pensando que ela devia ter-se arrependido.
VOVÔ — Vou provar-lhe que não.
PAULO — Como?
VOVÔ — A bordo do "Alagoas", ainda em águas brasileiras, seguia conduzida para o exílio a ex-família imperial, sob o impacto da surprêsa e da dor. Acompanhavam-lhes alguns parentes e amigos.

Um jornalista negro, André Rebouças, amigo da família imperial conversava no convés com a princesa D.ª Isabel. Relacionava-se a palestra sôbre a abolição dos escravos. Que a união dos fazendeiros aos republicanos apressara a queda da monarquia.

Em meio do assunto fala André Rebouças:

— Princesa, assinando a lei áurea, V. Alteza perdeu o trono

Ao que serenamente responde D.ª Isabel:

— Se ainda houvesse escravos no Brasil e se ainda eu tivesse um trono, voltaria hoje para libertá-los.

PAULO — Isso é extraordinário !

VOVÔ — Ficaram livres os escravos, mas muitos dêles e de nós continuam escravos.

FREDI — Como, Dr. Antônio?

VOVÔ — Sujeitos a uma escravidão pior, ainda que por vêzes não pressentida.

FREDI — Explique-nos, Dr. Antônio.

VOVÔ — Escravos do vício, do dinheiro, da maledicência. Escravos do fumo, do álcool, dos lugares escusos, dos entorpecentes, dos maus costumes. A servidão ao mal arrasta-nos à ruína completa. Sejam senhores de vocês mesmos e não servos do pecado.

FREDI — O senhor falou também em dinheiro. Dinheiro é um mal?

VOVÔ — O dinheiro não é um mal, o amor ao dinheiro é que é um mal. O dinheiro como senhor é um perigo mas o dinheiro como servo é de grande utilidade. Todos nós temos necessidade dêle para viver.

PAULO — O senhor acha que é muito ruim fumar?

VOVÔ — A tendência do homem que fuma é defender o mal que pratica. O fumante defende o fumo, o

alcoólatra o álcool. Mas todos terão que pagar o seu tributo às conseqüências do vício.

Fujam dos vícios e das más ações. Mas sinceramente, pois a virtude forçada e insincera endurece o homem.

PAULO — Gostei.

VOVÔ — Por hoje basta. Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

RÉPTEIS E ANFÌBIOS

Reunidos encontram-se de novo o Dr. Antônio, com o seu atencioso grupo.

BIRUNGA — Hoje vim disposto a não me esquecer de fazer-lhe uma pergunta.

VOVÔ — Qual?

BIRUNGA — Um animal pode ser réptil e ao mesmo tempo anfíbio?

VOVÔ — Como não?

PAULO — Que quer dizer réptil e anfíbio?

VOVÔ — Réptil é o que se arrasta e anfíbio é o que tem duas vidas, duas atitudes, ou que pode viver ao mesmo tempo na água e na terra.

PAULO — Dê um exemplo, Dr. Antônio, de réptil e anfíbio.

VOVÔ — O Crocodilo. É o crocodilo como todos os répteis, ovíparo. A fêmea põe de 20 a 100 ovos, tendo o seu ninho numa cova aberta na areia, cobrindo-os com folhas e ervas sêcas. Fica perto vigiando, enquanto o sol encarrega-se de encubá-los.

Quando os filhos querem sair da casca, gritam e a mãe descobre a cova. É êste réptil e anfíbio, porque tanto pode viver na terra, como na água, sendo contudo, na terra, os seus movimentos mais lentos, razão que o leva a preferir a água, onde tem mais fôrça e é mais ágil. Os crocodilos são traidores: vindo debaixo da água surgem junto das ví-

timas, que agarram e levam para o fundo do rio, onde as devoram.

A carne das prêsas é arrancada e engolida, sem triturar. Prefere o crocodilo a carne em decomposição. Assim quando não tem fome e agarra um homem ou animal, enterra-o até que apodreça. Esta predileção do crocodilo pela carne podre é de utilidade sob o ponto de vista higiênico; as impurezas que passam pelas águas são dovoradas por êsses animais que dessa forma limpam-nas de coisas venenosas ao mesmo tempo que purificam a atmosfera do ambiente. Após farta alimentação ficam os crocodilos em estado de entorpecimento. Existe uma ave chamada ziguezague que serve de palito ao crocodilo e o avisa da aproximação de alguém.

Levavam os romanos os crocodilos aos circos a darem combate a outros animais e a homens.

NEUSINHA — Que crueldade!

VOVÔ — Da família dos crocodilos é o jacaré tão conhecido pelos nossos caboclos.

CARLINHOS — Vovô, os sapos e rãs são também répteis e anfíbios?

VOVÔ — Perfeitamente.

CARLINHOS — Eu não distingo um sapo de uma rã.

VOVÔ — Os sapos e rãs vivem principalmente nos pântanos, lagos e jardins. Distingue-se-os da seguinte maneira: o sapo tem uma pele sêca e rugosa; a rã a possue úmida e lisa; o sapo não tem dentes; a rã tem-nos e agudos; as patas dos sapos são mais curtas; o sapo é tímido e sai do esconderijo à noite, a rã ousada, durante o dia.

CARLINHOS — Qual dos dois é venenoso, o sapo ou a rã?

VOVÔ — A rã não possue veneno. O sapo contém um líquido venenoso no interior da pele e principalmente nas duas rugosidades que apresenta na parte posterior da cabeça. Só oferece perigo quando atacado. Nessa ocasião expele o ácido que é venenoso.

CARLINHOS — Vive muito tempo o sapo?

VOVÔ — Durante cêrca de quarenta anos.

NEUSINHA — É um bicho nojento o sapo !

Dona Jaci Furquim de Oliveira, espôsa do autor, a menina Jaci, salva pela descoberta de Vital Brazil

VOVÔ — Certo. É contudo um animal útil aos nossos jardins e flôres, em virtude de alimentar-se de insetos daninhos.

FREDI — Dr. Antônio, posso contar uma?

VOVÔ — Tem a palavra, Fredi.

FREDI — Um professor, muito distraido, dirigiu-se ao laboratório, levando uma rã morta, a fim de fazer uma experiência de eletricidade. Quando em frente dos seus alunos desejou pegar a rã num de seus bôlsos, não a encontrou, procurou no outro bôlso e encontrou um sanduiche: pensou um pouco e disse: será que eu comi a rã na hora do lanche?

VOVÔ — Boa, muito boa, Fredi.

PAULO — Quais os répteis mais perigosos?

VOVÔ — Sem dúvida alguma a família dos ofídios.

PAULO — Que é ofídio?

VOVÔ — Ofídio é a ordem dos répteis que compreende todos os gêneros das serpentes.

NEUSINHA — Eu não posso ouvir falar nisso. Tenho pavor.

VOVÔ — A serpente, ou ofídio, é um réptil caracterizado pela ausência de membros com forma cilíndrica e alongada do corpo. Quase tôdas são ovíporas. Existe serpentes de muitas dimensões: desde 7 cm. até 8 m. de comprimento.

Carnívoras, são munidas de dentes, na maioria, com veneno mortífero. A maxila inferior articulada ao crânio por ossos suplementares pode afastar-se muito da superior. É assim que conseguem engulir prêsas muito maior que elas, dilatando o céu da boca, a faringe e o esôfago. Os dentes finos voltados para trás impedem à prêsa de retornar durante a deglutição. As grandes serpentes esmagam o animal triturando-lhes os ossos com seus anéis enrolados. Depois, amassa-os e o engole lentamente lubrificando-o com ondas de salivas. Terminada esta operação o réptil é entorpecido enquanto dura a digestão.

PAULO — As serpentes não mastigam?

VOVÔ — Engolem sem mastigar.

BIRUNGA — Quais são as maiores serpentes?

VOVÔ — As boas que são gigantescas e se subdividem em diversas qualidades como as gibóias, sucurís, sucurujubas, sucuriús.

Essas não têm dentes de veneno mas são as que engolem os animais.

BIRUNGA — É verdade que há cobras que engolem outras?

VOVÔ — É. Principalmente a mussurana.

BIRUNGA — É verdade também que as cobras quando dentro da água perdem o veneno?

VOVÔ — Não. O que acontece é que as espécies venenosas raramente encontram-se na água e na água não podem atacar por falta de apôio.

NEUSINHA — Que mêdo, vovô!

VOVÔ — Todos nós temos mêdo de serpentes, cujos efeitos de seus venenos são: a paralisia, a sufocação, a agonia e a morte.

FREDI — Dr. Antônio, o senhor sabe qual é a maior preocupação da serpente?

VOVÔ — Não.

FREDI — É que agora todo mundo está ficando careca qual a vantagem dela **ser-pente?**

BIRUNGA — É verdade Dr. Antônio, que os curandeiros curam as pessoas mordidas por cobras?

VOVÔ — Esta é uma mentira, que, quando aceita como se fôsse verdade prejudica enormemente o povo do interior. O que acontece é o seguinte: quando uma serpente morde uma pessoa ou animal uma ou mais vêzes fica sem veneno temporàriamente até que se junte mais veneno.

Nessa ocasião se picar a uma pessoa não injeta veneno pois êste não existe na ocasião. Quando isso

ocorre e procura o ignorante a um curandeiro e nada lhe acontece passa a acreditar no milagre do curandeiro. Quando a peçonha tem veneno de fato não adianta o curandeiro e a pessoa morre. Daí o perigo da crença nesses charlatães embusteiros.

FREDI — Sabe, Dr. Antônio, um dia uma mulher caipira, falou: **oia,** eu quando fico doente, **num** vô a médico não, eu tenho um curandô bão **êta curandô bão. Oia,** meu marido **tratô com êle treis meis êta curandô bão.**

Perguntaram-lhe: o seu marido sarou? Ao que ela respondeu, não, morreu!

VOVÔ — Você é terrível, Fredi.

CARLINHOS — Que quadro horrível deve ser o da intoxicação produzida pela ação do veneno.

VOVÔ — De fato, Carlinhos. Os sintomas ou manifestações após a picada, variam, todavia, em sua intensidade de acôrdo com a espécie da serpente, da quantidade de veneno acumulado pelo ofídio e da via de penetração da peçonha. Comumente são os seguintes os efeitos: forte dor, congestão interna, com um círculo hemorrágico em torno dos pontos da inoculação da peçonha. Forma-se progressivamente edema local, que se estende a pouco e pouco por entre a região atingida. São muito dolorosos os edemas em virtude da distenção dos tecidos. Altera-se a coagulação do sangue produzindo hemorragias pelas mucosas bucal, nasal e ocular, enterorragias, e hematúria. Perturbações da visão, às vêzes perda completa, perturbação da digestão, em algumas ocasiões, da voz, alteração do sistema respiratório e outros.

CARLINHOS — A morte é rápida?

VOVÔ — Depende da qualidade da serpente e da quantidade do veneno. O veneno das corais evolve muito

ràpidamente sendo comum a morte dentro de 5 ou 6 horas.

CARLINHOS — Há vantagem no processo da sucção?

VOVÔ — O ato de sugar o veneno, entre os métodos empíricos, é o que surte mais efeito, mas quando a sucção é feita imediatamente após a inoculação produzida pela picada da peçonha antes do veneno haver produzido seus efeitos. A ligadura temporária também é útil enquanto se aguarda a aplicação do sôro, mas mudando a atadura, para que se não prejudique a circulação.

CARLINHOS — E a ação do sôro é instantânea?

VOVÔ — Não é instantânea, mas eficiente. As melhoras começam a aparecer depois de 2 ou 3 horas, após a aplicação da injeção. Há quatro espécies de sôros anti-ofídicos: o sôro anti-botrópico aplicado contra picada de jararaca, urutu, jararacussu, caissaca e outras do grupo botrópico, o sôro anti-crotálico aplicado contra o veneno transmitido pela cascavel e outras do grupo crotálico, o sôro anti-elapíneo contra o veneno das corais e o poli-valente anti-ofídico. O sôro anti-elapíneo não existe no comércio pela dificuldade de se obter o veneno em quantidade suficiente, pois que o número de corais venenosas é relativamente pequeno e a quantidade de veneno das glândulas é reduzido. A pequena quantidade dêste sôro fica reservada ao uso interno dos institutos especializados. O sôro poli-valente é empregado na falta de outros, ou quando desconhecida a serpente causadora da inoculação do veneno.

NEUSINHA — Eu estou com tanto mêdo, vovô!

VOVÔ — Como eu lhe disse, Neusinha, eu também tenho mêdo e mesmo pavor das serpentes, e arrepia-me só de saber dos acidentes por elas causados. Vou contar-

lhes um fato: Numa fazenda em Viradouro, Estado de São Paulo, de propriedade do Cel. Antônio Furquim Pereira, vivia uma menina chamada Marciana que andava de muletas pois tinha só um toco da perna direita. Fôra o resultado da mordida de um urutu, uma das mais venenosas das serpentes.

Um filho do Cel Antônio Furquim Pereira, o sr. Alfredo Furquim Pereira comprara uma fazenda nas proximidades, duas léguas distante da cidade de Viradouro. Todos penalizavam-se da sorte da menina Marciana e particularmente uma menina de 6 anos, Jacy, cêrca de quatro anos mais môça do que aquela, impressionava-se com a desdita da filha do então empreiteiro do seu pai. Passaram-se dois anos. Corria o mês de setembro. Jacy contava oito anos.

Época de queimada. O céu enegrecido pela fumaça advinda do arder das matas anuviava o ambiente como que a incriminar a primitividade dos processos das plantações. As cobras e serpentes fugiam do ardor do fogo das matas avizinhando-se às habitações. Colonos, empreiteiros, trabalhadores de todos os matizes, fazendeiros e suas famílias, temiam-nas. D.ª Jacinta, estremosa mãe de Jacy, tinha-lhes pavor. Era noitinha. Uma galinha estava dentro da casa.

D.ª Jacinta quis jogá-la no quintal pelo mêdo de ir além do pórtico da casa, à noite. Mas Cecília que passava algum tempo em sua casa resolveu levá-la ao galinheiro. Um irmãozinho de Jacy, dois anos mais môço, o Alfredinho, acompanhou-a. Jacy desejou ir também mas sua mãe advertiu-lhe lembrando-lhe não poder ela apanhar sereno em virtude de uma dôr de garganta cada vez que isso acontecia.

Jacy destarte ficou à porta. Viu algo no escuro que lhe pareceu outra galinha. Após alguns instantes deu um passo para fora e é mordida no tornozelo da perna direita por outro urutu cutiara, pois que o que lhe parecia galinha não era mais do que uma maldita serpente. O ofídio rebolava. Jacy dá um grito de horror e espanto enquanto é acudida e conduzida à outra porta ao colo de sua mãe. D.ª Jacinta amarra a perna com uma corda e com a buzina da fazenda **repica** desesperadamente chamando ao sr. Alfredo. Vem o sr. Alfredo e juntam-se pessoas das redondezas. Um malfadado curandeiro impede que chamem imediatamente o médico. Jacy gritava em agonia e extertor. A perna inchava. O curandeiro substitui a corda por um cipó mais em cima da coxa. Esta continua inchar e rebenta-se o cipó. Os intestinos paralizam-se em dores cruciantes. O suor brota em quantidade espantosa. Pelos dentes, língua e narinas mina o sangue enxugado carinhosamente por sua mãe. A cena é indescritível. Vários meios empíricos foroma utilizados sem nenhum efeito. Jacy já tinha os olhos estatelados. E só ao raiar do dia é que o sr. Alfredo manda um camarada a cavalo rumo à cidade de Viradouro em busca do médico. E depois de 15 horas é que o Dr. Sandoval Almeida aplica uma injeção anti-ofídica; como esta não surtisse efeito injeta outra de sôro diferente, possibilitando à paciente dormir. Depois, ainda que o tratamento médico específico fôsse continuado, Jacy não dorme 5 dias e cinco noites. Só uma semana mais tarde vem o local a furo proporcionando algum alívio. Durante dois meses teve Jacy que usar muletas. Não fôra a criminosa interferência do curandeiro e a menina não teria sofrido tanto.

NEUSINHA — Coitadinha dela. Ficou boa, vovô?

VOVÔ — Graças a Deus. E isso porque Deus na sua infinita misericórdia fêz com que um grande médico brasileiro, o Dr. Vital Brazil, descobrisse os sôros anti-ofídicos, com êles minorando sofrimentos e salvando vidas.

CARLINHOS — Eu gostaria, vovô, que você nos falasse sôbre Vital Brazil.

VOVÔ — Como não Carlinhos; constituirá para mim grande prazer em focalizar a pessoa dêsse grande vulto brasileiro, honra de nossa pátria. Será o assunto da próxima reunião. Paremos por hoje. Até amanhã a vocês.

TODOS — Até amanhã.

VITAL BRAZIL

Juntos o vovô e Carlinhos.

CARLINHOS — Você soube, vovô, que o Birunga, o Fredi, e o Paulo foram passar alguns dias no Rio de Janeiro?

VOVÔ — Neusinha contou-me que êles iam na ocasião em que ela seguiu com Selene para Serra Nnegra.

CARLINHOS — Hoje, vovô, você me fala sôbre Vital Brazil agora à tarde mas enquanto êles estão fora quer o vovô contar-me histórias à noite?

VOVÔ — Como não, Carlinhos; e você não se esqueceu de Vital Brazil, não é?

CARLINHOS — Não podia esquecer-me pelo fato de ter sido êle o salvador de tantas vidas com as suas descobertas científicas. Onde nasceu Vital Brazil e quem eram os seus pais, vovô?

VOVÔ — Vital Brazil, cujo nome todo é Vital Brazil Mineiro da Campanha, nasceu na cidade de Campanha, antiga Campanha da Princesa, em Minas Gerais, denominada "Atenas Sul Mineira" pelo número de homens ilustres que produziu. Nasceu em 28 de abril de 1865. Seus pais, José Manuel dos Santos Pereira e D.ª Mariana Carolina dos Santos Pereira, ambos mineiros de tradicionais famílias companhenses. Quando Vital Brazil tinha três anos transferiram-se seus pais para Itajubá e logo depois para Caldas, onde exerceu o cargo de Tabelião. O sr. José

Manuel e D.ª Carolina incutiram em seus filhos o espírito de amor à terra, ligando-a a seus nomes, como nos casos de Vital Brazil Mineiro da Campanha, Oscar de Caldas, e Iracema Ema do Vale do Sapucaí, vale onde se encontra a cidade de Itajubá. Em Caldas fêz Vital Brazil o curso primário. Em 1880 veio com os seus pais para São Paulo. Transferindo-se para São Paulo tinham os seus pais o objetivo de melhor cuidar da educação dos filhos, não contando para tanto com o apôio dos parentes ricos, antes a zombaria dêstes, que muito feriam a sua mãe, dizendo não ter gente pobre o direito à pretensão de encaminhar os filhos à carreira das letras. Vital Brazil, cujos anseios era ser médico, consola-a dizendo: "Hei de me formar em medicina e levá-la a passear pela Europa". Aqui em São Paulo fêz o curso secundário em meio das maiores provações. Com o fim de estudar medicina seguiu em 1886 para o Rio de Janeiro, onde chegou com a importância tão sòmente necessária para o sustento de três dias. Quando estudante de medicina conseguiu, por concurso, o lugar de ajudante de preparador da cadeira de fisiologia.

CARLINHOS — Que é fisiologia, vovô?

VOVÔ — Fisiologia é a parte da biologia que estuda as fuções dos órgãos nos sêres vivos, animais ou vegetais.

CARLINHOS — E biologia?

VOVÔ — Biologia é a ciência que estuda os sêres vivos e suas relações.

CARLINHOS — Quando se formou Vital Brazil?

VOVÔ — Terminou o curso de medicina em 1891, voltando para São Paulo. Logo depois foi comissionado

para Rio Claro e Jaú sucessivamente. Em seguida, médico da Fôrça Pública, e depois, em 1893, nomeado inspertor sanitário, exerce comissões nas cidades de Belém do Descalvado, Pôrto Ferreira, Piraçununga, Leme e outras, contraindo em Belém do Descalvado a febre amarela. Em 1895 é o chefe da comissão sanitária em Cachoeira no combate ao cólera-morbus que se alastra pelo vale do Paraiba. Depois de tantos prestimosos serviços, clínica durante dois anos em Botucatu com a maior eficiência e o melhor con-

ceito, e onde, em sua residência, já fazia experiências com serpentes para a descoberta dos sôros antiofídicos. É, no início de sua clínica em Botucatu que contrai matrimônio com sua prima em 2.º grau D.ª Maria da Conceição Magalhães. Êle, com 27 anos e ela com 15, após dois anos de noivado nos quais Vital

Brazil revela sua veia poética. Em 19 anos de casados foi pai de 13 filhos, morrendo o 13.º no parto ao mesmo tempo em que era vitimada a espôsa. Casou 2.ª vez em 1920 com D.ª Diná Carneiro Viana. Dêste 2.º matrimônio foi pai de mais 9 filhos. De Botucatu, volta a São Paulo onde é nomeado em 1896 ajudante do Instituto Bacteriológico.

CARLINHOS — Que quer dizer bacteriológico?

VOVÔ — Bacteriológico é o adjetivo relativo à bacteriologia, ciência que se ocupa das bactérias (micróbios).

O Instituto Bacteriológico fundado em São Paulo em 1892 prestava a São Paulo e ao Brasil relevantes serviços. Em 1893 identifica e combate o cólera-morbus. Em 1894 diagnostica a febre tifoide. Seguem-se vitórias contra a febre amarela. Nova endemia persegue o Brasil, ocorrendo diversos casos em 1899 na cidade de Santos. Para as primeiras investigações foi enviado o jovem assistente do Instituto Bacteriológico, o Dr. Vital Brasil. Indentifica a moléstia, que é a peste bubonica. É acometido por ela, mas salvando-se, Deus conserva-o para a glória da ciência médica brasileira. Como se alastrasse a epidemia e contra ela não houvesse sôro próprio criam-se dois Institutos: o de Manguinhos sob a direção de Oswaldo Cruz e o de Butantã sob a orientação de Vital Brazil.

CARLINHOS — Ih! Naquele tempo Butantã devia ficar tão longe, não vovô?

VOVÔ — Butantã era uma fazenda distante nove quilômetros do centro da cidade e servida por péssima estrada. Num ambiente paupérrimo e despido de todo confôrto e sem instalações próprias iniciaram-se os primeiros trabalhos técnicos do Intituto Butantã. O pessoal técnico e administrativo era para

ali diàriamente transportado por trole. Escolhera-se local isolado em virtude do pavor que causava a peste negra.

CARLINHOS — E Vital Brazil vai todos os dias também para lá?

VOVÔ — Vital Brazil era homem de enfrentar o desconhecido em favor da ciência. Não fica morando na cidade. Vai residir no Instituto, entregando-se à produção da vacina e sôro contra a peste e ao mesmo tempo continúa os seus estudos sôbre cobras e seus venenos iniciados no Instituto Bacteriológico. Intensificam-se os trabalhos sôbre ofiologia e o Butantã cobre-se de glórias, atraindo o mundo científico, turistas e populações rurais. Recebe a consagração de visitas ilustres como a de Theodoro Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, em 1905, de Ruy Barbosa, em 1914 e do rei da Bélgica, em 1920.

CARLINHOS — Que é ofiologia, vovô?

VOVÔ — Ofiologia é a parte da zoologia que trata dos ofídios?

CARLINHOS — E zoologia?

VOVÔ — É a secção da História Natural que se ocupa dos animais. Continuemos: Vital Brazil descobre os sôros antiofídicos e quer vê-los logo aplicados a fim de salvar maior número de vidas. Neste sentido ensina a maneira de capturar as serpentes, organiza permuta de serpentes com sôros acompanhados de seringas e agulhas, instruindo o homem do campo a aplicá-los. Curandeiros, rezadores, superstições e crendices, perturbam o seu trabalho. Mas a eficiência salvadora dos sôros comparada com os desastres dos curandeiros alastra o benefício da sua descoberta. O sôro anti-peçonhento de Calmette não tem eficácia contra as serpentes brasileiras, nem con-

tra outras serpentes americanas. Descobre Vital Brazil o sôro poli-valente quando ignorada a espécie da serpente agressora. Após congratulações de Minas e depois de solenemente consagrado pelo Congresso Médico reunido no Rio de Janeiro, o Estado de São Paulo incumbe-o de visitar os Institutos de Bacteriologia de Serunterapia da Europa com o objetivo de melhorar os nossos Institutos congêneres. Não se esquece Vital Brazil de sua promessa feita à sua ditosa mãe. Leva-a em sua companhia. Visitou os Institutos de Serunterapia e Bacteriologia de Paris, Lille, Londres, Bruxelas, Berlim, Genebra, Berna, Milão, Roma e Lisboa, sendo em tôda parte recebido como mestre e respeitado como sábio. Igual tratamento deu-lhe em Lille o grande Calmette, o descobridor do sôro anti-peçonhento, na Europa.

tituto Pasteur, e com o Prof. Letulle, do Hospital de

Em Paris fêz novo curso de Bacteriologia no Ins-Bouvincant dedicou-se a estudos de histologia e anatomia patológica. Publicou em francês, inglês e alemão uma monografia, resumindo os seus estudos. Em 1914 seguiu segunda vez para a Europa, com o intuito, segundo a incumbência que lhe foi dada, de visitar os melhores centros científicos do Velho Mundo. Deflagrada, porém, a 1.ª Guerra, tem que deixar a Europa. Em 1915 a sua ação benfazeja faz-se sentir em sua viagem aos Estados Unidos, quando em Washington salva um homem mordido por serpente, na mão, que lhe foi trazido por dois médicos especialistas, em estado desesperador, após falharem todos os seus recursos.

Depois de vinte anos de gloriosa direção no Butantã, deixa-o em 1919 e funda novo estabelecimento em Niterói, o Instituto Vital Brazil.

Em 1924 é de novo chamado ao Butantã, emprestando os seus serviços até 1927, empreendendo grande expansão no terreno da microbiologia e da imunologia. São estudados os venenos não só de serpentes, mas de sapos, escorpiões, aranhas e abelhas. Organiza-se o museu de culturas. Os Institutos Vacinogênico e Bacteriológico são anexados ao Instituto Butantã. É hoje ali largo o campo terapêutico.

Em 1927 volta à direção do Instituto por êle fundado em Niterói.

Nos primórdios da microbiologia, quando falhas eram as discussões em torno do assunto e as notícias difíceis, o telégrafo submarino no início e raras as revistas de ciência, Vital Brazil prepara os sôros antipestoso e anti-ofídico e evidencia-se o eminente cientista e hábil administrador. Inegàvelmente foi êle um incentivo, um estímulo e um exemplo. Não é sem razões fortes que figura no Livro de Mérito instituído pelo govêrno federal, onde se registam os nomes dos cidadãos brasileiros que mais se distinguiram em serviços relevantes prestados à Pátria. Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, do Instituto Histórico de São Paulo e membro e sócio honorário de numerosas instituições científicas nacionais e estrangeiras, entre elas a Sociedade de Patologia Exótica de Paris.

Faleceu Vital Brazil às 7 horas do dia 8 de maio de 1950, na Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, com 85 anos de idade, depois de uma vida bem vivida, honrando a terra em que nasceu.

CARLINHOS — Eu não quis, propositadamente, interromper-lhe, vovô, ao ouvir de tanto valor numa só pessoa. Gostei de conhecer a vida e o trabalho de Vital Brazil.

VOVÔ — E os filhos o têm honrado. Aqui em São Paulo, reside um dos seus ilustres filhos, também médico e cientista, que foi diretor científico do Instituto Vital Brazil. Trata-se do Dr. Oswaldo Vital Brazil, o descobridor da metilação de um alcaloide que possibilitou o uso científico do curare. É atualmente o Dr. Oswaldo Vital Brazil, assistente da cadeira de Farmacologia da Faculdade de Medicina de São Paulo.

CARLINHOS — Que é curare, vovô?

VOVÔ — É um veneno extraído de plantas de nossas selvas pelos indígenas, veneno êste usado nas suas flechas.

CARLINHOS — Eu agora, vovô, estou pensando na benção que foi Vital Brazil para tantas criaturas. Imagine-se aquela menina Jacy, salva pela descoberta do nosso grande patrício apesar dos curandeiros quase a levarem à morte.

VOVÔ — Tem razão, Carlinhos. Vital Brazil foi e continua a ser através da aplicação do sôro, grande benemérito. Milhares de pessoas têm sido salvas. O valor de Vital Brazil, alinha-se ao lado de Pasteur, Emílio Ribas, Oswaldo Cruz, Fleming e Salk. E estou certo de que, pelo menos uma estátua em praça pública levantar-se-á em homenagem à memória de seu espírito de abnegação e benemerência.

CARLINHOS — Que não demorem, vovô.

VOVÔ — Concordo com você. Agora, paremos por hoje.

CARLINHOS — Um pouco mais, vovô.

VOVÔ — Amanhã à noite, Carlinhos.

CARLINHOS — Que pena, vovô.

MÃE

Novamente o vovô e Carlinhos.

CARLINHOS — Olá! vovô! Estava ansioso pela sua chegada. Sabe vovô, de tôda aquela história de Vital Brazil, o que mais me impressionou?

VOVÔ — Que foi, Carlinhos?

CARLINHOS — O fato de Vital Brazil dizer a sua mãe que ainda seria médico e a levaria a dar um passeio à Europa. E depois, levou-a mesmo.

VOVÔ — É uma das coisas que muito nos diz da personalidade de Vital Brazil.

CARLINHOS — Minha mãezinha é um amor, vovô. Eu também vol levá-la à Europa e aos Estados Unidos.

VOVÔ — Muito bem. Por mais que amemos às nossas mães nunca o nosso amor supera o delas. As mães não fazem o que desejam mas o que desejam os seus filhos. A felicidade das mães é a felicidades dos filhos. Inúmeros homens de projeção deixaram gravados para a posteridade pensamentos sôbre suas mães. Algumas das palavras que mais me tocam ao coração foram as pronunciadas pelo grande inventor Edison.

CARLINHOS — Que disse êle, vovô?

VOVÔ — Assim se exprimiu Edison, referindo-se a sua mãe: "Ela me foi uma advogada tão entusiasta que resolvi tornar-me digno de sua confiança. Minha

mãe fêz-me o que sou; tanto confiava em mim, tão certa parecia estar do meu futuro, que eu sentia ter alguém a quem nunca deveria desapontar. Sua memória será sempre uma benção para mim.

CARLINHOS — Muito bonito, vovô! Escute, vovô fale sôbre mãe, assim como se estivesse fazendo um discurso.

VOVÔ — Um discurso?

CARLINHOS — Sim, vovô, um discurso.

VOVÔ — Mãe. Nome inspiração, energia, fé, sacrifício, renúncia, cujo significado transcende ao nosso conhecimento. O mundo todo entôa hino de exaltação ao ser que nos deu a vida. Afago nos instantes de alegria, confôrto nos momentos de dor! Os passos incertos de ovelha tresmalhada recebem o clarão de farol norteador, de espírito seguro na insegurança da vida. Enleio, experiência, energia, carinho e ternura a apararem precipitações e arroubos! O deventurado procura o apôio daquela que é sempre a única amiga das horas incertas, tornando-se feliz na felicidade transmitida através do espírito vivo e vivificante de sua mãe.

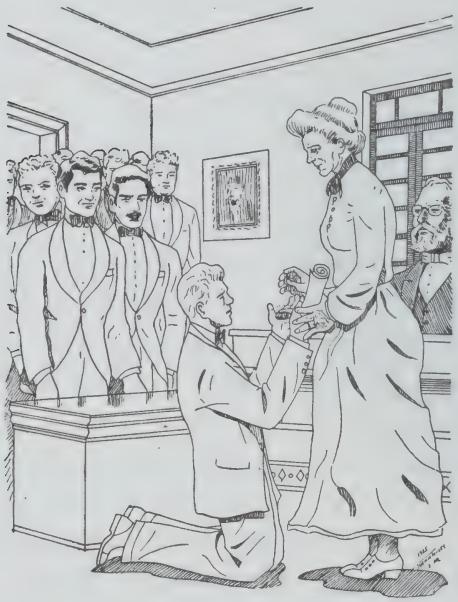
E quando esta passa, ainda que no turbilhão da vida, a sua imagem está sempre presente no destino do filho. A sua voz continua em profunda ressonância de bondade a inundar-lhe o coração.

Muita vez, na crueldade do destino, em meio de sua ação destruidora, é esta voz que não permite aniquilar-se a fôrça do bem que ainda em nós reside. É ela sempre presente no esplendor da mocidade ou no encanecimento dos dias. Nos momentos de alegria ou nas noites indormidas. É luz nas trevas, é bálsamo na melancolia. Os tumultos interiores e a soli-

dão da desventura recebem o lenitivo do coração de mãe.

Quanta vez a mãe sem ter nada, faz-se tudo, sendo abandonada, ao seu filho não abandona nunca. Quanta vez, sem pão e sem pousada é o sustento do seu filho e o aconchego da sua dor. Pelo filho afronta a vida impiedosa, hostil e rude, ainda que amanhã o filho rude e hostil lhe seja!

Mãe, o teu nome significa esperança, ternura, bondade, virtude! A centelha da tua fé faz milagres



por tantos desconhecidos na graça diamantina emanada do teu amor. Na tua humildade recolhida transporta-te e transfigura-te dentro da imensidão da fôrça do Criador.

Mãe, viva ou morta, aqui fica o beijo reconhecido dos teus filhos!

CARLINHOS — Que lindo, vovô! Agora, vovô, conte-me alguma história sôbre mãe.

VOVÔ — Contar-lhe-ei. Escute. — Encontravam-se reunidos o pai, tios, primos, outros parentes e amigos da casa na sala contígua ao quarto da maternidade. Aproxima-se a enfermeira: — Dr. Álvaro, é o senhor pai de um lindo pimpolho. — Não se continha de contente o Dr. Álvaro. Casado havia pouco mais de dois anos, com a maior ansiedade esperava aquêle momento. Todos viram o menino: forte, robusto. Passaram-se oito meses. A fatalidade sobreveio. Morre o Dr. Álvaro vítima de um colapso. Com tamanha desdita, maior tormenta. Superiores eram as dívidas ao ativo do casal. Como se fôsse imaginária fortuna, com o passamento do pai não recebia mais a viúva o confôrto dos tios, primos e dos outros parentes, e, muito menos dos **amigos** da pequena família. Cedo, bem cedo, pôde sentir aquela mãezinha o amargor da ingratidão humana. Tinha, contudo, em seu querido filhinho, o lenitivo e a razão da vida. Acompanhava-lhe os mínimos movimentos. Tudo constituia-lhe graça e encanto. Quanta vez, vendo-o doentinho, desdobrava-se em afeição e ternura, em desvelos e sacrifícios, por àquele que lhe seria amanhã o seu amparo e o seu orgulho. Vigílas inúmeras custou-lhe a criação e a educação do filho querido.

Foram-se mais dezoito anos. Face cadavérica, fruto de labor, esfalfamento e cuidados ininterruptos, o filho longe, na Universidade, dêle não obtinha notícias, respostas às suas cartas, havia já cinco meses. Nem mesmo acusava o filho o recebimento do dinheiro que mensalmente lhe enviava, economia cotidiana dos parcos recursos de pobre lavadeira. Decidiu ir ao encontro do filho. Em lá chegando, viu-a o

filho, saiu de um grupo onde palestrava e disse rìspidamente a sua mãe: — que veio fazer a senhora aqui!? — E a mãe súplice: meu filho, eu não tinha notícias tuas, meu estremecido filho! E o filho novamente: — Volte depressa e não me envergonhe!!

— E retira-se mais ríspido do que ríspido falara.

Retornando ao grupo, perguntaram-lhe quem era, ao que o moço respondeu: — é minha lavadeira.

CARLINHOS — Que horror, vovô, que monstro !Qual era o nome dêle, vovô?

VOVÔ — Não lhe digo o nome dêle, porque não é digno de um nome.

CARLINHOS — E o nome de sua mãe?

VOVÔ — Basta o doce, suave, meigo e santo nome de mãe.

CARLINHOS — Antes tivesse aquêle moço morrido quando criancinha, não vovô! Uma amiga de mamãe faz dias que chora cada vez que vem em casa por causa da morte do seu flhinho. Vou transmitir-lhe a história que o vovô contou, pois crescendo, quem sabe o seu filho seria assim, pensando nisso, não mais chorará.

VOVÔ — Não adianta Carlinhos. Nenhuma só mãe se consolaria desta forma. Ouça essa poesia de Bulhão Pato de grande significação:

A mulher,
Para alcançar o perdão,
De quantos crimes tiver
Na fervorosa oração,
Basta que possa dizer:
"Tive um filhinho, Senhor,
E o filho do meu amor
Nos braços o vi morrer".

CARLINHOS — Que quadrinha maravilhosa, vovô!

VOVÔ — Por hoje basta, são horas de dormir.

CARLINHOS — Mas eu não tenho sono, vovô; continue.

VOVÔ — Amanhã veremos outro assunto.

CARLINHOS — Que pena, vovô! Escute uma coisa, vovô, sempre que o vovô fala em terminar, eu me aquieto, pois o vovô já é muito bom em satisfazer a minha curiosidade e ao mesmo tempo instruindo-me em tantos assuntos. Acontece, hoje, porém o seguinte: contou-me o vovô sôbre aquela mãe com aquêle filho ingrato. Senti tanto a maldade daquele moço. Quer o vovô contar-me uma história mais alegre sôbre mãe?

VOVÔ — Fá-lo-ei, Carlinhos. Será curta, mas pelo menos satisfarei a sua vontade.

CARLINHOS — Que bom, vovô.

VOVÔ — Não me recordo se o fato que passo a narrar-lhe ocorreu no Canadá, ou nos Estados Unidos. Não importa o lugar. Basta a lição e o consôlo que a história nos transmite. Do mesmo modo, não me lembro dos nomes do filho e mãe a que se refere a narrativa: Mãe pobre. Filho reconhecido. Este proporciona a sua mãe, desde bem pequeno, o maior consôlo às suas duras lides. Terminou o curso primário em 1.º lugar e com os maiores louvores dos mestres. Quando voltava cada dia a sua casa após os estudos era com a maior alegria e sorriso nos lábios que correspondia ao carinho e aos afagos de sua mãezinha. E em que pesasse o seu amor aos estudos, sempre encontrava um pouco de tempo para auxiliar a sua boa e dedicada mãe, aliviando-lhe suas canseiras. Também era êle filho único de mãe viúva. Fêz o curso secundário com brilhantismo. Ingressou no curso superior. E ao lado dos seus estudos não se esque-

cia jamais de tudo quanto devia a sua mãe. Esta refulgia de contentamento em ver aproximar-se o dia da formatura em medicina do seu estremecido filho. E o dia chegou. Recebera medalha de ouro e o discurso do mestre ao entregar-lhe o diploma referia-se ao jovem como o primeiro entre os primeiros, no intelecto, na alma, no coração e no espírito. Lembrava o professor aos presentes que a Universidade nunca tivera em tôda a sua história um aluno que deixasse tão bem marcadas tantas virtudes. Ao terminar suas palavras as palmas dos presentes estrondearam prolongadamente por todo o salão.

Ao pegar o diploma e a medalha quando pensavam que êle fôsse responder ao discurso do mestre, sob o espanto de todos, dirige-se ao fundo do salão. E ajoelhando-se diante de uma velhinha que debulhava-se em lágrimas de contentamento e colocando o diploma e a medalha em suas mãos e beijando-lhe as maceradas faces, assim se expressa: "êste diploma e esta medalha não me pertencem, pertencem a ti mãezinha querida". E as palmas ecoaram mais ruidosa e eloqüentemente em todo o salão.

Carlinhos não se conteve e também batia palmas à história do vovô.

CARLINHOS — Agora, vovô, estou contente.

VOVÔ — Deus o abençôe. Boa noite, Carlinhos.

CARLINHOS — Boa noite, vovô.

SANTOS DUMONT

Neusinha já voltou de suas férias. Assim é que as histórias de vovô são novamente à tarde.

NETINHO — Ouça vovô, como êsse avião passou baixinho.

VOVÔ — Baixo mesmo.

NEUSINHA — Que barulhão! Quem inventou o avião, vovô?

VOVÔ — Foi Santos Dumont.

NEUSINHA — Faz muito tempo?

VOVÔ — Relativamente não. É até uma invenção nova.

NETINHO — Como é gostoso voar, vovô. Você não acha?

VOVÔ — Gosto muito também de voar. Muitos dos nossos antepassados sonhavam com êste privilégio. Foi sempre um assunto que perturbou o homem na terra.

NETINHO — Antes de poder voar como a humanidade devia ansiar por isso, não vovô?

VOVÔ — E o predestinado para satisfazer os anseios da humanidade foi o glorioso Santos Dumont.

NETINHO — Como era o nome todo dêle?

VOVÔ — Alberto Santos Dumont:

NEUSINHA — De que nacionalidade era êle?

VOVÔ — Brasileiro.

NEUSINHA — Brasileiro? Que coisa gostosa, vovô! Então foi um brasileiro quem inventou o avião.

VOVÔ — Um brasileiro.

NEUSINHA — Os pais dêle também eram brasileiros?

VOVÔ — Ouça. Pouco depois da proclamação da Independência do Brasil, François Dumont, que se casara com a filha de um ourives de Bordéus, embarcou para o Rio de Janeiro. Daí, seguiu para Minas Gerais, onde, em Diamantina, entregou-se ao comércio de pedras preciosas.

NETINHO — Quer dizer que êsse François Dumont era francês?

VOVÔ — Perfeitamente. Em Diamantina nasceu-lhe um filho, Henrique, em 20 de julho de 1832. Depois de estudar no Colégio D. Pedro de Alcântara, em Botafogo, no Rio de Janeiro, embarcou Henrique com o padrinho, para a Cidade-Luz.

NEUSINHA — Cidade-Luz? Que cidade é essa?

VOVÔ — Chamam de Cidade-Luz a cidade de Paris, capital da França.

NEUSINHA — Por que?

VOVÔ — Porque era considerada o berço da civilização.

NETINHO — Paris é cidade muito antiga?

VOVÔ — Bastante antiga. E uma metrópole que como muitas outras tem história que se perde através dos tempos. Conhecêmo-la, contudo, desde o ano 53 antes de Cristo. Como vê, possue mais de 2.000 anos.

No princípio chamava-se Lutécia — do latim — **luto** que quer dizer — **lama.**

NETINHO — Por que tinha êsse nome?

VOVÔ — Porque situada às margens do Rio Sena, baixo era o seu nível, sujeita a constantes inundações, depois das quais, as terras se transformavam em lama.

NETINHO — E como recebeu o nome de Paris?

VOVÔ — Quando da guerra gálica no ano 52 antes de Cristo, Lutécia foi incendiada. Reconstruída pouco

depois, ali se estabeleceram os **paríseos,** tribo gálica, de onde se originou o nome Paris.

NETINHO — Ah! Então o nome Paris derivou-se de paríseos?

VOVÔ — Isso mesmo.

NEUSINHA — Mas por que se denominou Cidade-Luz?

VOVÔ — Depois que lá se estabeleceram os paríseos, sofreu Paris muitas guerras. Inúmeras foram as invasões e cercos que Paris teve que atravessar. Mas apesar disso tornou-se desde os começos da Idade Média um dos maiores centros culturais do mundo. Com o andar dos tempos, instituições educacionais e científicas de tôda espécie, bibliotecas, museus e indústrias ali se instalaram. A sua literatura, a pouco e pouco, fêz-se universal. A arte projetou-se grandiosa e a ciência profunda. A indústria, o comércio, o trabalho e as boas maneiras chocavam-se com as

perversões, o vício e o ócio. A riqueza, as variegadas diversões, o luxo e a elegância de Paris ecoavam em tôda a civilização. E até o ano de 1939 continuava elevada à categoria de capital intelectual do mundo e expressão máxima da civilização ocidental. Daí, o nome de Cidade-Luz.

NETINHO — Gostei de ouvir essas particularidades, vovô.

VOVÔ — Mas continuemos o que estávamos falando: Henrique, em Paris, formou-se em Engenharia no ano de 1853, pela École Centrale des Arts e Metiers. Depois Henrique Dumont regressou a Minas, passando a exercer o cargo de engenheiro de obras públicas em Ouro Prêto, capital da Província. Em 1856 casou com Francisca, filha do comendador português Francisco de Paula Santos. Do casamento advieram-lhe oito filhos, quatro homens e quatro mulheres: Henrique, Maria, Rosalina, Virgínia, Luís, Gabriela, Alberto, Sofia e Francisco.

NETINHO — O vovô citou os nomes na ordem do nascimento?

VOVÔ — Perfeitamente.

NETINHO — Então Alberto Santos Dumont foi o sexto dos filhos?

VOVÔ — Precisamente. Alberto Santos Dumont, o sexto dos filhos, o herói de quem estamos tratando, foi o escolhido pela Providência para modificar a fisionomia da civilização.

NETINHO — Onde nasceu Santos Dumont, vovô?

VOVÔ — Nasceu na Fazenda de Cabangú, Estação de Rocha Dias, distrito de João Aires, no Município de Palmira, hoje Santos Dumont, no Estado de Minas Gerais.

NETINHO — Em que ano?

VOVÔ — No dia 20 de julho de 1873. E note a coincidência dêle ter vindo ao mundo no mesmo dia e mês do seu pai.

NETINHO — Pelo que vovô nos disse, Santos Dumont era brasileiho, filho de pai e mãe brasileiros, sendo o avô paterno francês e o avô materno português.

VOVÔ — Isso mesmo. Seu pai era filho de franceses, sua mãe era filha de portugueses, mas tanto o seu pai como sua mãe eram brasileiros.

NETINHO — O pai de Santos Dumont era também pessoa de muito valor?

VOVÔ — Muito. Pelo que passo a narrar-lhe veja que fibra tinha o seu pai. Henrique, o pai de Alberto Santos Dumont "tentou a mineração de ouro no Rio das Velhas; organizou uma emprêsa de navegação fluvial; explorou a venda de madeiras, fornecendo-as às minas de Morro Velho; contratou a construção de um trecho da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Minas, razão pela qual foi residir em Barbacena; administrou uma fazenda do sogro, em Casal, perto de Valença. Depois de misteres vários e variados em Minas Gerais, transportou-se em 1879 para a cidade de Ribeirão Prêto, no Estado de São Paulo, onde adquiriu enorme fazenda, para lá conduzindo oitenta escravos e trezentos contos em dinheiro.

NEUSINHA — Só trezentos contos, vovô?

VOVÔ — O que você pensa que era trezentos contos naquela época?

Representava vultosa fortuna. Muito mais do que você pode imaginar.

NETINHO — Em Ribeirão Prêto fêz muita coisa?

VOVÔ — Continuou a sua prodigiosa atividade em que punha ao lado da sua tenacidade e energia, a fé e a honra. É assim que, em 1890, já se tornara o "rei do

café com mais de cinco milhões de cafeeiros em produção ligadas as suas terras à mogiana por uma estrada de ferro particular de mais de 100 quilômetros de extensão.

NETINHO — Agora fale-nos sôbre Alberto Santos Dumont, vovô.

VOVÔ — Alberto Santos Dumont, franzino de corpo e estatura pequena, mas cabeça grande, nem sempre encontrava ambiente em seus brinquedos com outras crianças. Por vêzes seus dois irmãos mais velhos careciam de protegê-lo em pequenas rixas. Razão porque, refugiava-se na leitura, com predileção por Júlio Verne.

NETINHO — E a leitura de Júlio Verne ajudou-o, vovô?

VOVÔ — Sim. Pelo menos incentivou-o muito. Desde cedo manifestou inclinação para a mecânica e seu espírito absorvia-se num sonho: voar. Entre a primeira e a segunda ida de Santos Dumont a Paris, seu pai emancipou-o, entregando-lhe respeitável fortuna o que facilitou-lhe sobremaneira a tarefa pois não precisava cuidar do problema financeiro. O que seu pai deu-lhe era o suficiente para as despesas da sua vida.

NETINHO — Então devia muito Santos Dumont a seu pai?

VOVÔ — Muito. E êle reconheceu êste fato através de tôda a sua existência. Mas de seu lado soube ser bom guardador do que recebeu, não dissipando, antes empregando-o, com esfôrço, brio e inteligência.

NETINHO — Santos Dumont só cuidou da aviação?

VOVÔ — Não. Encontrando de início dificuldades com os balonistas, deu tempo ao tempo, aproveitando-o em viagens, estudos e pesquisas, enquanto também se entregava ao automobilismo.

NETINHO — Quando Santos Dumont voou?

VOVÔ — Em 1898, desceu pela 3.ª vez em Paris, quando conseguiu realizar o seu primeiro vôo num balão livre pilotado pelo Sr. Gabriel Machurou.

NETINHO — Que é balão livre?

VOVÔ — Chama-se balão livre ou cativo o que flutua no espaço ao sabor do vento.

NETINHO — Então não podiam dirigí-lo por onde quisessem?

VOVÔ — Não. E Santos Dumont espantou-se de que ainda não houvesse balão dirigível. Tentativas haviam sido feitas, mas sem resultado. Era a êle que ia caber essa glória. Depois de construir o seu balão esférico, o "Brasil", Santos Dumont montou o seu primeiro balão dirigível — o n.º 1. Estava descoberta a dirigibilidade aérea.

NETINHO — E depois, vovô?

VOVÔ — De 1898 até 1901 o jovem brasileiro construiu além desses os dirigíveis ns. 2, 3, 4, 5, e 6. Com o n.º 6 é que conseguiu no dia 19 de outubro de 1901 a realização da volta ao redor da Tôrre Eiffel, conquistando destarte o "Premio Dautsch de la Meurthe" e elevando-se à categoria de primeira figura do mundo.

NETINHO — E custou muito a conseguí-lo, vovô?

VOVÔ — A volta à Tôrre Eiffel foi conseguida na quarta tentativa. Custou muitos esforços e pelejas e riscos de vida. Muitos outros aparelhos foram por êle construidos. Tudo demandou de sua parte muita energia, muita fé e muito labor.

NETINHO — E o vovô disse que quando criança êle era franzino.

VOVÔ — Ainda que em criança não parecesse sadio, conseguiu robustez e adquiriu resistência no trabalho.

Nem a enfermidade, nem mesmo certa vez uma forte febre, impediu-lhe de agir quando uma idéia lhe aparecia ao cérebro.

NETINHO — E por que vovô, escolheu êle a França, ou melhor, Paris, para as suas pesquisas?

VOVÔ — É muito interessante a sua pergunta, Carlinhos. Antes Neusinha perguntou-me por que Paris chama-se Cidade-Luz. E eu lhe expliquei. Lembra-se?

NETINHO — Perfeitamente.

VOVÔ — Em virtude da fama mundial de Paris tornava-se grande anseio visitar-se a capital da França. Com isso deu a Cidade-Luz abrigo a cientistas, inventores, esportistas e turistas de todo o mundo. E ninguém se considerava consagrado em qualquer atividade se não houvesse recebido a consagração de Paris. Santos Dumont não foi para lá com o intuito de inventar. Assustou-se mesmo, quando lá chegou, por não encontrar balão dirigível. "Paris não tinha dirigíveis a lhe oferecer". "Era êle quem ia dar dirigíveis a Paris". Foi, todavia, em Paris que êle encontrou o ambiente necessário ao desenvolvimento de suas atividades. Ao "fator Paris", juntou êle o "fator Santos Dumont".

NETINHO — Que maravilha, vovô.

VOVÔ — Santos Dumont sobrepujou os cientistas da época assim como aconteceu com Edison e com Pasteur.

NETINHO — Conte-me algumas proesas de Santos Dumont, vovô.

VOVÔ — Cientista e esportista, saboreava refeições nas alturas, vinha ao patamar de sua residência tomar café para em seguida continuar o vôo.

NETINHO — Já, naquela época, vovô?

VOVÔ — Já. E foi o primeiro a voar sôbre os mares, o primeiro que passou em vôo revista às tropas, o primeiro que varou uma noite de tempestade nas alturas.

NETINHO — Que coisa extraordinária, vovô.

VOVÔ — E mais. Com êle viajou pela primeira vez na história do mundo, uma criança: o menino Clarkson Potter, norte-americano, isso em 1903. No mesmo ano e com mesmo dirigível n.º 9 ensinada por Santos Dumont, singrou os ares a primeira mulher na história da aviação: a cubana Aida de Acorta.

NETINHO — Então Santos Dumont devia ser muito aplaudido.

VOVÔ — Desde que montou o seu primeiro balão, o dirigível n.º 1, começou a popularidade de Santos Dumont em Paris e em tôda a superfície da terra. Mas depois dêsses acontecimentos havia um verdadeiro delírio pelo vulto de Santos Dumont.

NETINHO — E êle merecia, não vovô?

VOVÔ — Se merecia! Santos Dumont, mais do que esportista e cientista, foi um gênio. Arrostou todos os entraves da época e dotado de grande precisão em seus trabalhos e munido de maior paciência conseguiu entregar ao mundo esta maravilha que é a aviação.

NETINHO — Vovô, disseram-me que há uma pendência histórica entre Santos Dumont e os irmãos Wright. É verdade?

VOVÔ — Em outras palavras, você deseja saber a quem de fato cabe a primasia do vôo; se a Santos Dumont ou aos irmãos Wright.

NETINHO — Isso mesmo que eu quero saber, vovô.

VOVÔ — Santos Dumont é o pai da aviação. Ninguém pode negar-lhe êste título. Foi êle a primeira pessoa do mundo que fêz navegação aérea dirigida; em 19 de outubro de 1901, num aparelho mais leve do que o ar, no seu dirigível n.º 6.

NETINHO — Então por que esta história dos irmãos Wright?

VOVÔ — Dizem os norte-americanos que os irmãos Orville e Willens Wright foram os primeiros que realizaram vôos mecânicos, em 17 de dezembro de 1903, só não aparecendo por terem feito segrêdo quanto aos dispositivos usados.

NETINHOS — Ah! Então é por isso?

VOVÔ — Essa é a razão da controvérsia. Mas Santos Dumont inventou o vôo mecânico em 23 de outubro de 1906. E dêle não fêz segrêdo. Revelou-o ao mundo. Como Santos Dumont pôs os homens a par da originalidade do mais pesado do que o ar e dando publicidade ao feito, a Santos Dumont cabe a maior glória.

NETINHO — É verdade.

VOVÔ — E não se esqueçam de que Santos Dumont foi quem descobriu a dirigibilidade do ar, em 1901, antes de qualquer outro na terra.

NETINHO — Magnífico, vovô. Viva Santos Dumont! É mesmo Santos Dumont o pai da aviação!

VOVÔ — A Santos Dumont deve a civilização a navegação aérea. Sem a dirigibilidade por êle inventada seriam ineficazes e inconsistentes os vôos.

NETINHO — Outra vez, vovô, viva Santos Dumont!

VOVÔ — Viva! Não foi sem motivo que os maiores homens da época a êle se chegaram, que o seu nome e a sua fama vibraram por todos os países e que êle cons-

tituiu o símbolo da civilização. Não foi sem motivo que a moda de Paris lançou chapéus a Santos Dumont e colarinhos a Santos Dumont. Porque Santos Dumont foi um gênio.

NETINHO — Maravilhoso, vovô! Agora explique-me uma coisa. Você referiu-se a mais leve do que o ar e mais pesado do que o ar. Que é em aviação mais leve do que o ar e mais pesado do que o ar?

VOVÔ — Denominam-se mais leves do que o ar os aparelhos erguidos ao espaço por meio de gases mais leves do que o ar atmosférico, como os balões livres e os dirigíveis. Refere-se, pois, à substância que proporciona o vôo e não à estrutura material do aparelho.

NETINHO — E mais pesados do que o ar?

VOVÔ — Mais pesados do que o ar são os aparelhos que se erguem ao espaço por meio de uma fôrça de sustentação que se cria na atmosfera em virtude da velocidade dos próprios aparelhos.

NETINHO — Quais são os mais pesados que o ar?

VOVÔ — São mais pesados que o ar, os aviões motorizados, os planadores (aviões sem motor), os helicópteros e os autogiros.

NETINHO — Compreendi, vovô.

VOVÔ — E convém notar que Santos Dumont descobriu e fabricou tôdas essas espécies de aparelhos. Tanto os dos tipos mais leves do que o ar, como os dos mais pesados do que o ar.

NETINHO — Que bom, vovô!

VOVÔ — A Santos Dumont coube a descoberta da dirigibilidade, assim como a êle coube a glória de realizar o primeiro vôo de aeroplano sob contrôle científico e público. "Foi Santos Dumont o único inventor de tôda a história da humanidade que se tornou figura

de proa da civilização nos dois campos — no do "mais leve" e no do "mais pesado" do que o ar.

NETINHO — Como me alegro vovô, do Brasil ter possuido homens da fibra e do valor de Santos Dumont.

VOVÔ — Foi notadamente um grande homem. E a sua memória, viva entre nós, projetar-se-á pelos séculos.

NETINHO — Você disse vovô, que custou muita luta a Santos Dumont tão grande vitória.

VOVÔ — Efetivamente. Trabalhou até à fadiga. Ao lado do entusiasmo, com os acidentes sofridos, esteve muitas vêzes a ponto de fracassos e desilusões. E, ainda que não se entregasse a prazeres intensos, nem bebesse, nem fumasse, trabalhava em excesso e não dormia o suficiente. Ninguém enfrentou, como êle, tantas vêzes a morte na arte de voar. Os acidentes foram muitos e próximos demais uns dos outros: dobragens de balões no espaço; esbarrões; descidas desconcertantes sôbre casas, árvores e praças; esvasiamentos de gás; rupturas de cordame e tombos no mar.

NETINHO — Quantos acidentes, vovô!

VOVÔ — E durante dez anos contínuos, cada vez que um desastre lhe destruia um aparelho, em vez de repousar, passava noites em claro fazendo cálculos para a construção de novo aparelho. E isso sucessivamente.

NETINHO — Mas isto era uma loucura, vovô!

VOVÔ — Você disse muito bem, Carlinhos. E Santos Dumont teve que pagar o tributo por êsse excesso de atividade. O trabalho é necessário, mas a luta demasiada, as preocupações constantes derrubam o homem de nervos mais resistentes. Razão porque, êsses nervos gastos e deprimidos levaram-no de encontro à morte.

NETINHO — Com que idade morreu, vovô?

VOVÔ — Estava êle com 59 anos. No dia 23 de julho de 1932 na luxuosa praia do Guarujá, em São Paulo, Santos Dumont renunciou à vida.

NETINHO — Nem sei que falar, vovô.

VOVÔ — Por hoje basta.

NEUSINHA — Também eu já estou cansada.

NETINHO — Que pena, vovô.

A LINGUAGEM

Encontram-se de volta todos os companheiros de Carlinhos: Fredi, Birunga, Paulo, além de sua prima Neusinha.

VOVÔ — Como foram de viagem?

BIRUNGA — Diverti-me a valer, Dr. Antônio. Não sei se o senhor está a par que eu e meus pais, do Rio, fomos até a Europa, de navio.

VOVÔ — Carlinhos contou-me.

BIRUNGA — Assistimos no navio, a uma estupenda, Dr. Antônio.

VOVÔ — Que foi?

BIRUNGA — Pela manhã, dirigindo-se à mesa do café, passou um francês em frente de um português e lhe disse: bon appètit; ao que responde o português, levantando-se da cadeira: Manoel Amancio, seu criado. E a cena reptiu-se por três vêzes, em três refeições. Intrigado falou o português ao garção que o francês não conseguia aprender-lhe o nome. Foi quando o garção explicou-lhe que bon appètit, queria dizer, bom apetite, coma bem; que o francês não lhe estava perguntando o nome. É assim que o português resolveu sentar-se depois do francês, e passa pela mesa do francês e lhe diz: bon appètit; ao que o francês responde: Manoel Amancio, seu criado.

VOVÔ — Muito boa, Birunga. E você Fredi?

FREDI — Eu e minha família passámos todo o tempo no Rio de Janeiro. Foram dias agradabilíssimos. Entre outras assisti o seguinte: Encontrava-me num baile de surdos e mudos. Entra um conhecido nosso e vê uma surda-muda muito bonita. Pergunta o rapaz a alguém como é que se pedia a uma surda-muda para dançar. Explicaram-lhe e êle passa a dançar com a menina sempre impressionado com a sua beleza e penalizado por ser ela surda-muda. Por isso dançou muito, até não poder mais e com gestos agradece à moça. Ao se sentarem entra um outro jovem e dirige-se à moça; olá Aurora, como vai você? Que está fazendo por aqui? — Distraindo-me um pouco. — Vamos dançar? Ao que replica a linda menina; eu? Este surdo-mudo aqui quase matou-me de tanto dançar !

Todos se haviam rido muito com a história do Birunga e riram-se mais ainda com esta do Fredi.

VOVÔ — Muito bem, Fredi. E você, Paulo?

PAULO — Eu tomei muito banho de mar. Em Copacabana um sujeito jogou-me areia nos olhos mas pra quê; eu dei uma **escolachada** nêle que êle viu.

VOVÔ — Pronto, já vem você com as suas gírias.

PAULO — Mas é gostoso, Dr. Antônio.

VOVÔ — Não diga isto, Paulo; não se deve descer conscientemente às inferioridades do mal falar, das gírias ou da pronúncia errada ou corrompida. Carecemos de usar a linguagem com justa e nítida expressão, simplicidade e limpidez de estilo. É preciso, Paulo, evitar os êrros e menoscabos, os vícios e atentados, combatendo e ensinando aos que não fazem mais do que embrutecer e deprimir a língua pátria.

PAULO — O senhor está me deixando envergonhado, Dr. Antônio.

VOVÔ — Agrada-me ouví-lo falar assim, Paulo. Estude mais a língua portuguesa, aformoseando-a na construtura do falar e na riqueza do exprimir. Carecemos de prezá-la, cultivá-la e defendê-la. Por meio dela fala a nossa alma, corporiza-se a ciência, exercita-se o bem, dirimem-se as dúvidas, exprimem-se os anhelos e esperanças. Por meio dela, invocamos, louvamos e damos glória a Deus.

PAULO — O senhor fala tão bonito, Dr. Antônio, mas diga-me uma coisa: com palavreado bonito não há tanta gente também que engana os outros?

VOVÔ — Certo, Paulo. Mas isto é o mau uso da palavra, pois o som articulado, a palavra, a fala, a faculdade da expressão pela voz é um dom de Deus. É o que mais nos diferencia dos animais nas relações de uns com os outros. A palavra errada assemelha-se à alma

defeituosa. Do mesmo modo aquêle que usa a boa linguagem para enganar e corromper faz o papel de satanaz. E a própria Palavra Divina adverte-nos que o diabo transforma-se como anjo de luz e se fôsse possível enganaria até os escolhidos.

Quando nos referimos à boa linguagem, é a esta que tem que ser falada e sentida. É a palavra que sai da bôca e da alma, da voz e do ato. É o som e o sentimento. Quando falam os lábios, o cérebro e o coração. A palavra que destrói o mal e eleva o bem, elimina o êrro, alevanta a verdade, constrói e ilumina. É a palavra originada do Verbo.

PAULO — Que é isto, Dr. Antônio, a palavra originada do Verbo?

VOVÔ — É que até as Escrituras Sagradas dão o nome de Verbo à segunda pessoa da Trindade.

CARLINHOS — É, vovô?!

VOVÔ — Assim se expressa o apóstolo São João em João 1:1 e 14. "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". "E o Verbo se fêz carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade".

CARLINHOS — Que maravilha, vovô.

VOVÔ — A linguagem é o liame da nossa alma a ligarnos a Deus. E quanto devemos aos nossos antepassados, para que a nossa palavra pudesse, escrita, ser transmitida a muitos. Se considerarmos os sacrifícios a que se impuseram, antes da descoberta da imprensa, a desenrolarem aquêles rôlos imensos, envólucros membranosos de caniços, o papiro, e depois, em virtude da necessidade crescente de matéria prima, o uso dos pergaminhos, taboinhas enceradas, placas de metal e pano e ainda mais tarde o estado

intermediário da escrita com o emprêgo dos xilógrafos em pranchas; se refletirmos os esforços de Gutenberg, o inventor da imprensa, as condições miseráveis em que viveu e morreu, os ódios, perseguições e injustiças sofridas, dentro do propósito de nos legar o que hoje possuimos; se ainda levarmos em conta que a simplificação do alfabeto bem antes conseguida pelos fenícios, também muito coadjuvou a facilidade fruida em nossos dias, ao lado do respeito e estima para com os nossos benfeitores, encerra-se em nós uma extensa e intensa responsabilidade.

E bem vai ao ser que se compenetra desta verdade, convence-se do seu dever e se capacita empolgado por uma grande visão. E o preceito se faz sentir ao que lê, ao que fala e ao que escreve. Quem lança mão da pena carece de ter em mira um mundo de imposições, normas e encargos. Inicialmente a correção gráfica no trabalho.

Quantos oradores há que impressionam pela palavra, na gesticulação e na mímica e falham desastrosamente na escrita. Faltam-lhes idéias e combinações dessas idéias, na formação dos pensamentos, com frases vasias. Assemelham-se a essas laranjas agradáveis à vista, e sêcas por dentro, sem suco.

FREDI — Quais as normas que se deve seguir, Dr. Antônio para bem se falar e se escrever?

VOVÔ — A linguagem precisa de vivacidade e exuberância, sem o abuso dos adjetivos, dos metaplasmos de adição e subtração, das redundâncias, sem o emprêgo demasiado dos verbos auxiliares e da partícula **que,** despida dos êrros de transposições de letras, do acêrto dos graus dos substantivos, dos masculinos, femininos e plurais, dos transitivos, relativos e transitivos-relativos, neutros e impessoais, particípios,

verbos regulares e irregulares, adjetivos, pronominais e outros, o infinito e o gerúndio, conhecimento da lexeologia e sintaxe, dos elementos essenciais da oração, das concordâncias e figuras literárias, bom uso das preposições e colocações de pronomes, evitando os êrros de crase, da repetição de palavras, as dificuldades nas pontuações e os vícios de linguagem. Neste último caso não me refiro ao **nois vai** do inteiramente iletrado mas aos que escrevem **degladiar** em vez de **digladiar,** ou pronunciam **adevogado** em lugar de **advogado.**

Muitas são as escolas atuais e do passado referentes à literatura, tais como o marinismo, o preciosismo, o eufuismo, o gongorismo ou culteranismo o arcadismo, o classicismo, o romantismo, o parnasianismo, o naturalismo, o simbolismo, o modernismo e o futurismo. Mas em que pesem ser do passado ou de agora, em todos os tempos existiam tendências dos mais variados aspectos.

Cremos no entanto, mais apreciado se torna o escritor, que na realização da arte, na feitura do belo, despertando uma sensação agradável ao espírito, reunindo fundo e forma, com elegância e equilíbrio, imaginação e sensibilidade, ainda que influenciado pelo meio, pelo clima, e pela sociedade, ao lado da correção, concisão, clareza e harmonia, apresente simplicidade nas suas produções.

Não só o estilo, todavia, é suficiente. Urge juntarem-se outros fatôres importantes: O historiador comete um crime se não reune dados condizentes com a verdade. O cientista infiel não merece nem a nossa consideração. O didata carece de uma subida dose de bom senso a fim de produzir livros ao aprendizado na infância e juventude.

BIRUNGA — Ih! Dr. Antônio. Há umas revistas horríveis aí nas bancas!

VOVÔ — Maldito o que redige futilidades indecorosas, com o fito de fixar nos cérebros menos avisados a árvore daninha do mal. Os livrórios delapam os espíritos, os cartapácios enegrecem os corações, os calhamaços imbecis geram o crime, os alfarrábios impudicos matam a alma. Os maus livros, ao lado das novelas corriqueiras, solapam e destroem os bons costumes. Quanto, no entanto, podem ensinar os bons livros: a formaço da terra, a vida dos animais e das plantas, a técnica de tudo que precisamos. Respondem às nossas perguntas, esclarecem-nos sôbre homens e mulheres célebres, orientam, informam e edificam os espíritos.

PAULO — Sinceramente, Dr. Antônio, estou gostando de tudo quanto estou ouvindo hoje. Prometo-lne que vou mudar o meu modo de falar. E depois, estudando bastante, quero transmitir aos outros muita coisa bonita como o senhor nos faz.

VOVÔ — Bravo, Paulo, como isto me alegra! E de que você gosta mais?

PAULO — Da poesia.

VOVÔ — Muito bem! Assim como escritores e cientistas, os poetas se servem da boa linguagem. E a poesia é música das palavras, é a prosa cantada, onde as frases soam com mais sabor e encanto. Tanto a poesia dramática, épica, como a lírica. Mas acima de tudo, Paulo, com bons propósitos nós encontramos na vida mais encanto e mais poesia. Estou muito contente hoje porque você tem pelo menos essa boa decisão. Evitar as gírias, uma das grosseiras deturpações da linguagem. Hoje ficaremos por aqui. Noutro dia continuaremos, abordando outro assunto.

CARLINHOS — Que pena, vovô.

NEUSINHA — Vovô, sabe o que eu estava pensando sôbre palavras?

VOVÔ — O quê, Neusinha?

NEUSINHA — É o que um amigo de papai estava falando a êle.

VOVÔ — Que foi?

NEUSINHA — Desafôro vovô, pois êle estava dizendo que brigou com a espôsa e ela jurou não falar com êle durante um mês e êle está contente por isso.

FREDI — Não se incomode, Neusinha, porque a espôsa dêle não cumprirá a palavra.

VOVÔ — Bem, bem, até amanhã a todos.

TODOS — Até amanhã.

SÃO PAULO

Reunido o grupo diz o

CARLINHOS — Como hoje é o dia 25 de Janeiro, gostarei que o vovô nos fale sôbre a fundação de São Paulo.

VOVÔ — Você não se esquece de nada, Carlinhos. Hoje dia 25 de Janeiro de 1955, comemora-se realmente a data de São Paulo de Piratininga. Terminámos os festejos quadricentenários, começando hoje nova era piratiningana, pois é o início do quinto século dos alicerces da cidade que é a nossa querida Capital de São Paulo.

NEUSINHA — É bonita a história, vovô?

VOVÔ — Pelo menos, para nós, bastante sentimental.

NEUSINHA — Disseram-me que foram os portugueses que vieram para cá. É verdade, vovô?

VOVÔ — Não se pode precisar quais os primeiros europeus que aqui aportaram. Um, recebeu o mérito de grande civilizador e povoador, João Ramalho, aqui chegando lá pelo ano 1515. Outros a êle se congregaram, fundando a 1.ª povoação fixa do Brasil, isso em São Vicente, em 22 de Janeiro de 1532.

NEUSINHA — E depois?

VOVÔ — Quatro anos mais tarde, em 1536, Brás Cubas inicia as primeiras construções em Santos.

PAULO — Quem era o Govêrno do Brasil?

VOVÔ — Só em 1549 instalou-se o Govêrno Geral do Brasil. Com êle vieram os missionários jesuitas chefiados por Manoel da Nóbrega. Êste, galga os alcantis da Serra do Mar e bem no interior das terras, cria a missão de Maniçoba na região de Itu. Pouco depois, João Ramalho, que já havia firmado um arraial em Santo André, tem o prazer de vê-lo, em 1553, elevado a vila.

BIRUNGA — Mas a fundação de São Paulo não foi em 1554?

VOVÔ — Precisamente, 25 de Janeiro de 1554.

BIRUNGA — Então Santo André é mais velho do que São Paulo?

VOVÔ — Santo André é mais velho.

NEUSINHA — Gozado!

VOVÔ — Em virtude disso e por conselho de João Ramalho, após ter ido de novo a São Vicente, resolve Manoel da Nóbrega transferir a missão para mais perto de Santo André, e, destarte, também menos longe da costa. Ordenou que se fundasse o primeiro Colégio Jesuita no Interior, no altiplano paulista, na colina onde hoje é o Pátio do Colégio. De acôrdo com os seus desejos, o Padre Manoel de Paiva, celebra em 25 de Janeiro a missa evocadora da conversão do Apóstolo São Paulo. A esta cerimônia assistia um noviço de 20 anos, José de Anchieta, a quem coube posteriormente as maiores glórias.

NEUSINHA — Era grande o colégio, vovô?

VOVÔ — Nada, minha netinha. Nem mesmo se podia chamar casa. Era uma construção tosca, rústica e humilde, uma choupana de 7m. de frente por dez metros de fundos, ou sejam, 70 m2.

NEUSINHA — Mas isso era colégio?

VOVÔ — Era sim.

NEUSINHA — Onde ficava a sala de aulas?

VOVÔ — Aquêle comodozinho, tapado de barro, com porta feita de talas de fôlhas de palmeiras era a sala de aula, de visitas, de jantar, escritório, dispensa e cozinha.

NEUSINHA — Que horror, vovô!

VOVÔ — Aos poucos foram se juntando outras construções até formar-se o vilarejo com o auxílio de João

Ramalho, seu sogro, o morubixaba Tibiriçá e o cacique Caiubi. Foi, todavia, árdua a tarefa. Índios xenófobos circunvizinhos, não suportavam o crescimento do lugar. Hordas selvagens de carijós, brotam dos sertões, atravessando planuras e escarpas e se põem ao saque e à destruição contra o nascente vilarejo. E só não o arrasam porque encontram a resistência de homens de fibra decididos a levar ao fim o plano de povoamento.

Voltam de onde em onde legiões de selvícolas pondo em alvorôço a gente colonizadora. Mas o silvar das flechas bárbaras têm como resposta o ribombar do arcabuz, do bacamarte e da colubrina e ainda

o encontro dos silvos das gentes fiéis à Tibiriçá e Caibui.

Neste inferno vivo de desassossêgo em que todos careciam estar prevenidos e vigilantes é que se associam uns poucos brancos livres e uns degredados da côrte, aos selvícolas e mamelucos, separados do mar e da metrópole, sem proteção e sem ajuda, formando vielas, pátios e trilhos que se tornarão mais tarde ruas, praças e estradas, tangendo à noitinha os sinos e se acotovelando os homens sob as luzes bruxoleantes das candeias e lamparinas.

Vencem os colonizadores; e pelo ano 1700 possuiam cêrca de 4.000 pessoas.

FREDI — Só, Dr. Antônio?

VOVÔ — Só. E mesmo assim porque a êles se juntam alguns do Sul e outros intrépidos de Santos e São Vicente.

FREDI — Mas era um progresso muito lento, Dr. Antônio!

VOVÔ — Certo. Naquela época, no entanto, tudo era e tinha mesmo que ser vagaroso. Você sabe, por exemplo qual era a população da nossa Capital de São Paulo quando D. Pedro I veio aqui proclamar a Independência do Brasil em 1822?

FREDI — Qual?

VOVÔ — Tinhamos tão sòmente 10.000 almas.

NEUSINHA — Nossa!

VOVÔ — E mais, meus amiguinhos, a cidade que hoje mais cresce no mundo, a cidade atualmente mais populosa do Brasil, houve ocasião que ficava lá pelo décimo lugar.

FREDI — Décimo lugar?

VOVÔ — Perfeitamente. Exemplifiquemos: Em 1850 São Paulo tinha 27.800 habitantes, enquanto na mes-

ma época São Luiz do Maranhão possuia 31.600 e Cuiabá 35.000. Como vêem, ambas eram maiores do que a nossa terra. E vocês querem saber de uma coisa curiosa?

TODOS — Queremos.

VOVÔ — Seis anos depois, ou seja em 1856 tinhamos nós 3 hotéis e a cidade do café só contava com 1 café.

BIRUNGA — Hum, hum!

VOVÔ — EM 1856 havia em São Paulo 17 advogados, 12 médicos, 4 farmacêuticos, 3 dentistas, e... reparem bem... a terra dos arranha-céus não tinha na época um só engenheiro.

NEUSINHA — Puxa!

VOVÔ — E era muito diferente o panorama de São Paulo quando a rua 15 de Novembro chamava-se rua do Rosário e mesmo depois com o nome de rua da Imperatriz; na época em que a Praça Antônio Prado denominava-se Largo do Rosário.

FREDI — São Paulo custou muito a crescer?

VOVÔ — Em 1887 a sua população era de 47 mil habitantes pouco mais do que a de Campinas com 41 mil.

CARLINHOS — Uê, então Campinas já foi quase do tamanho de São Paulo! Por que hoje é tão menor?

VOVÔ — Uma das razões é que em 1887 Campinas tinha quase 10.000 escravos enquanto em São Paulo os escravos eram mais ou menos 500, número bem menor, em virtude do movimento em nossa cidade em favor da sua libertação. No ano seguinte, 1888, a libertação dos escravos apanhou em cheio a cidade de Campinas.

CARLINHOS — Mas ainda era muito pequena a população de São Paulo.

VOVÔ — De fato. E quando esta alcançou 150.000 diziam muitos dos paulistanos. Ah! que saudade dos

bons tempos em que a nossa terra tinha sòmente 90.000. Era outro o nosso sossêgo ! Em 1890 foi inaugurada a Avenida Paulista. Esta ficava no extremo sul da cidade. Os bondes puxados à tração animal. Foi aberta a avenida sob o protesto de alguns que julgavam um arrojo uma avenida tão larga e tão comprida.

FREDI — E quando foi que São Paulo chegou a 200.000 habitantes?

VOVÔ — Em 1900 já tinhamos 240.000.

FREDI — Até que enfim.

PAULO — E desde então foi aquela beleza, não é? São Paulo e o Interior e tudo!

VOVÔ — Faltava muito e muito ao Interior. Basta contar-lhes o exemplo da E. F. Noroeste.

CARLINHOS — Como foi?

VOVÔ — Em 1905 organiza-se uma companhia com capital nacional e estrangeiro mas com direção brasileria e trabalhadores brasileiros. Foi encampada

pelo Govêrno Federal 12 anos depois, ou seja em 1917. Em 1905 assentaram os triblhos em Bauru. O seu traçado inicial seria no vale entre os rios Tietê e Aguapeí. Era uma emprêsa que carecia do valor de novos bandeirantes. A mata era fechada. As feras, por demais, ousadas. Os índios caingangues ou coroados, que deram nome à cidade de Coroados, pavorosos no ataque. A malária atingindo em massa os trabalhadores, e, os mosquitos biriguís, que deram nome à cidade de Birigui, produzindo a **leishmaniose,** feridas que se abriam e não se fechavam. Até mais ou menos a cidade de Araçatuba, pode-se dizer que cada dormente da estrada custou a vida de um homem.

CARLINHOS — Que horror! E quando chegou a estrada à Araçatuba?

VOVÔ — Em Dezembro de 1908, em plena mata virgem, foi erguida a estação e em 1910 havia ali umas poucas casas. Hoje é aquela grande cidade de que vocês têm notícia, a capital do boi gordo e a capital da alta noroeste.

CARLINHOS — E quando foi que a nossa capital chegou a um milhão de habitantes?

VOVÔ — Só em 1934 é que a nossa bela cidade atingiu a um milhão de almas. E agora, 21 anos depois, contamos com quase 3 milhões.

CARLINHOS — Qual o segrêdo do crescente progresso de nosso Estado? Dizem alguns que é por causa do clima!

VOVÔ — O clima da Noroeste é péssimo. O da nossa capital é bom. Mas há outros Estados em que o Estado quase todo tem bom clima. Não é êste, pois, o único fator. Uma das boas razões é que São Paulo é bem brasileiro recebendo a todos de braços abertos

e a todos acolhendo com carinho e simpatia. Os nossos irmãos, por exemplo, de outros Estados encontram aqui campo para as suas atividades e para a sua luta pela vida. O paulista é por excelência acolhedor. Um Bernardino de Campos, mineiro, foi nosso presidente, hoje diriamos, governador, por duas vêzes. Um Albuquerque Lins, alagoano, também foi nosso presidente. O mesmo se deu com Washington Luis, fluminense e hoje Jânio Quadros, de Mato Grosso. Dou graças a Deus, porque o paulista ama a todos os seus irmãos.

CARLINHOS — Viva São Paulo! Viva o Brasil!

TODOS — Viva!

E O VENTO NÃO LEVOU

VOVÔ — Era minha intenção meus prezados amiguinhos Fredi, Paulo e Birunga e meus netinhos Carlinhos e Neusinha, conversar com vocês em muitas outras ocasiões contando-lhes outras histórias e respondendo às suas indagações, mas tenho que viajar, e, desta maneira será hoje o nosso dia de despedida.

FREDI — Mas Dr. Antônio, assim tão de repente sem nós esperarmos, como isto nos traz pesar. Temos aprendido tanta coisa!

VOVÔ — Por minha vontade ainda estaríamos juntos por muito tempo mas nem tudo é como se quer.

PAULO — Que pena, Dr. Antônio; o senhor ainda não nos falou de grandes conquistadores e eu estava ancioso para ouvir sôbre isso.

VOVÔ — Por que, Paulo? Que adiantaram ao mundo as glórias de Alexandre, Júlio Cesar, Otávio Augusto, Frederico o Grande, Napoleão, Mussolini ou Hitler? Ou mesmo o esplendor e a fama de imperadores chamados cristãos como Constantino o Grande, Carlos Magno, Hernando Cortez, Ivan o Terrível, Catarina a Grande ou Luis XIV? E qual a segurança dos reinos dêles?

FREDI — O vento levou.

VOVÔ — Você disse muito bem, Fredi, o vento levou. Esta é uma expressão própria.

BIRUNGA — Garanto que êle assistiu ao filme: "E o vento levou".

VOVÔ — E aproveitou-o. Por sinal esta expressão da escritora norte-americana nós a encontramos no livro de Daniel ao interpretar o sonho do rei Nabucodonozor.

CARLINHOS — Como foi, vovô?

VOVÔ — Assim disse Daniel: "Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua. Esta estátua, que era grande, e cujo esplendor era excelente, estava em pé diante de ti e a sua vista era terrível. A cabeça daquela estátua era de ouro fino; o seu peito e os seus braços de prata; o seu ventre e as suas coxas de cobre; as pernas de ferro; os seus pés em parte de ferro e em parte de barro. Estavas vendo isto, quando uma pedra foi cortada, sem mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou. Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a pragana das eiras no estio, **e o vento os levou,** e não se achou lugar algum para êles, mas a pedra que feriu a estátua se fêz um grande monte e encheu toda a terra". E passou Daniel a interpretar o sonho.

CARLINHOS — Interessante, Daniel já havia usado a expressão, **"e o vento os levou"**.

VOVÔ — E de acôrdo com a interpretação de Daniel serão destruidos todos os reinos, sendo estabelecido um reino eterno. E eu os aconselho a viverem em consonância com os princípios dêste reino que será estabelecido para sempre. Felizmente nós tivemos aqui, no Brasil, um Imperador, que apesar de ter sido obrigado a entrar em luta com o Uruguai, Argentina e posteriormente Paraguai, não lhe ia nalma o espí-

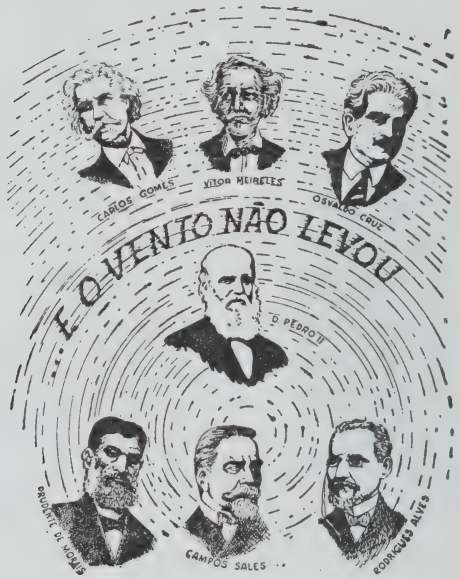
rito de conquista. Não guerreou para conquistar; foi conduzido à guerra.

NEUSINHA — Quem foi, vovô?

VOVÔ — O Imperador D. Pedro II.

NEUSINHA — Ah! Papai sempre diz que foi um grande homem!

FREDI — E muito feliz.



VOVÔ — E não pense que não sofreu, Fredi. Com apenas um ano perdeu sua mãe, a Imperatriz D.ª Leopoldina; com cinco anos nunca mais viu o pai e com oito faleceu-lhe também êste.

NEUSINHA — Que horror, vovô, então o pai abandonou-o?

VOVÔ — Não, Neusinha. Razões de Estado levaram a D. Pedro I a abdicar em favor de seu filho Pedro Alcantara, o nosso D. Pedro II para assim salvar duas

corôas: a do Brasil para o filho e a de Portugal que lhe havia sido usurpada por seu irmão D. Miguel. E teve que partir. Fê-lo em meio de torturas dalma. D. Pedro II estava dormindo quando o pai deu-lhe o beijo de despedida, chorando. O coração de D. Pedro I dizia-lhe que nunca mais veria aos filhos, nem a Pedro de Alcântara, nem as suas irmãs. Nomeou a José Bonifácio de Andrada e Silva, tutor de seu filho, que lhe deu esmerada educação. Mas não se conformava D. Pedro I. Por alguns dias, dentro do navio, rodeava pela Guanabara, sem coragem de partir porque o seu coração sangrava. Era grande demais o seu sofrimento.

D. Pedro II cresceu, instruiu-se, educou-se e foi uma honra e glória para o nosso querido Brasil. Declarado com maioridade aos catorze anos, governou como um nobre e um sábio. Viajou pelo Brasil em fora, procurando conhecê-lo, estudando de seus habitantes os usos e costumes e tudo fazendo para vir de encontro às suas necessidades. Na Europa, em parte da Ásia e nos Estados Unidos elevou o nome de nossa Pátria. Aqui no Brasil ao lado de todo o progresso havido em seu reinado, por causa da nobreza do seu coração, é que se evidenciaram homens como Carlos Gomes, Pedro Américo, Vitor Meireles, Almeida Junior, Gonçalves Dias e outros. Por causa da sua nobreza é que nos Estados Unidos os norte-americanos deram ouvidos a Bell e se fêz o telefone. Por causa da sua nobreza é que vencido o Paraguai, perdoou-lhe a dívida de guera e fê-lo abolir a escravidão . Disseram de Pedro II, com muito acerto, que foi, "humilde na glória e heróico na adversidade." Os seus feitos ficaram. Ninguém pode deixar de fazer-lhe

justiça. A grandiosidade da sua memória o vento não levou.

CARLINHOS — Que maravilha, vovô!

VOVÔ — Eu os aconselho a todos a estudarem a biografia do nosso grande Imperador D. Pedro II.

E por que não fazerem o mesmo em relação aos três grandes presidentes que São Paulo deu ao Brasil?

CARLINHOS — Quais, vovô?

VOVÔ — Prudente de Moraes natural de Itu, Campos Sales, de Campinas e Rodrigues Alves, de Guaratinguetá: Foram êles três colunas mestras de nossa Pátria. O pacificador do Brasil, o restaurador de suas finanças e aquêle que na segurança do seu caráter saneou uma cidade e uma nação.

O que êsses homens fizeram o vento jamais levará.

E Miguel Couto?

A história já faz justiça a um Washington Luis.

E como mencionámos Rodrigues Alves, não podemos deixar de lembrar de um Oswaldo Cruz, de quem Theodore Roosevelt, escreveu: "O Dr. Oswaldo Cruz é um homem da raça de Pasteur". E Emílio Ribas, que por amor à humanidade, faz-se picar com o mosquito transmissor da febre amarela, o "stigomnia fasciata", a fim de descobrir a verdade sôbre a febre e tratá-la? E depois rejeita um prêmio de 200 contos? E se vocês soubessem o que significava naquele tempo duzentos mil cruzeiros!

Mas o exemplo por êles deixado o vento não levou.

Estudem meus netinhos e amiguinhos as biografias de todos êsses homens; e que se gravem as lições

por êles deixadas. O dinheiro, a glória, tudo desaparece; mas há outras coisas que permanecem. Eis o que disse Jesus: "Todo aquêle, pois que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelha-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sôbre a rocha; e desceu a chuva, e correram rios, e **assopraram ventos** e combateram aquela casa e não caiu, porque estava edificada sôbre a rocha; e aquêle que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sôbre a areia, e desceu a chuva e correram rios e **assopraram** ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda".

Meus netinhos, e meus amiguinhos, peço a Deus que daqui a alguns anos, de vocês se ouça o seguinte: tiveram um caráter tão sadio, um coração tão nobre, uma alma tão generosa, uma vida cheia de atividades e produziram tanto e a tantos beneficiaram e foram tão corretos e tão dignos que êles se foram, mas o seu exemplo e a sua memória, **o vento não levou.**

★

Êste livro foi composto
e impresso na
Gráfica e Editôra EDIGRAF Ltda.
à Rua Uruguaiana, 88
São Paulo — Brasil

★

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 053010556

Composto e impresso
na
Gráfica e Editôra EDIGRAF Ltda.
Rua Uruguaiana, 88
São Paulo — Brasil